

Stadium

N.º 96 ★ 4 DE OUTUBRO DE 1944 ★ PREÇO 1\$50

ATLÉTICO - SPORTING

Peyroteo, num esforçado salto, na sua enérgica toada, remata de cabeça. Baptista e Gregório correm para a intercepção, já que a tentativa de um médio se antecipou a voluntariedade do avançado-centro dos «leões»



Novos rumos

A Direcção Geral dos Desportos determinou, há dias, num ofício endereçado ao seu delegado junto do pugilismo profissional — documento a que alguns jornais concederam marcante publicidade — certas medidas de carácter constructivo e disciplinar, cuja índole e intenções merecem ser postos em relevo.

O «boxe», arvorando como lábaro uma reputação desluzida e imprópria, é dos poucos desportos notáveis que não puderam, ainda, ou não quiseram, ensinar qualquer reforma administrativa ampla e actualizada.

Semelhante falta de actividade, além de não servir os interesses dos pugilistas que estimam a profissão, não permite impulsionar o desporto em causa. Por outro lado, seria injustiça atribuir às individualidades que outrora, durante largos anos, orientaram o funcionamento do organismo dirigente, culpabilidade total onde só lhes assiste reduzida parcela. Então, como hoje, a chave do problema e o seu ponto nevrálgico está em reunir num só órgão, absolutamente competente, poderes legais e totais de grande autoridade.

A leitura do comunicado da Direcção Geral dos Desportos deixa entrever que, muito embora tal organismo ainda não tenha sido creado, já se actue em conformidade com os princípios que hão-de norteá-lo.

Certos pugilistas acham-se ligados a segundas pessoas por contratos redigidos em bases manifestamente anti-desportivas; tais contratos podem, até, negociar-se sem o assentimento do principal dos interessados. Em defesa dos jogadores de «boxe» e dos seus legítimos interesses devem semelhantes documentos seguir uma norma, igual para todos os casos, precelluando direitos e deveres equivalentes, tanto para o pugilista como para o seu administrador (manager). Assim, parece-nos que qualquer das partes deve poder rescindir o contrato, avião com 45 dias de antecedência; que a venda de um contrato deve ser formalmente interdita, excepto se o adquirente for o próprio pugilista; que os contratos se firmem por um prazo de 2 anos; que a percentagem a deduzir em benefício dos administradores (managers) seja até 20 por cento dos prémios pecuniários (bolsas) e, ainda, que o mesmo administrador deve proporcionar ao seu pupilo meios e «auxiliares» para a sua preparação física e técnica. Por sua vez assiste-lhe o direito de exigir do pugilista vida regrada e cumprimento integral dos seus conselhos e determinações, cuja não observância, devidamente comprovada, acarretará penalidades do organismo dirigente, quer pecuniárias quer de outra natureza. Em resumo: o agrupamento «pugilista-administrador» deve constituir uma aliança de interesses em que as funções se encontrem distribuídas de mútuo acordo.

Quanto à posição do pugilista Beni Levy, que é detentor do título de campeão de Portugal, não devemos esquecer que a honra que desfruta de usar como distintivo a representação do seu País, o obriga — como um soldado — a mostrar-se digno dessa mesma alta dignidade.

Para manter integrais e apuradas as suas qualidades e méritos, deve sacrificar grande parte do tempo e não dissipá-lo em diversões que prejudiquem a sua forma.

Ninguém pode exigir, em boa verdade, que um pugilista suba ao quadrângulo disposto a vencer à força — mas pode exigir-se-lhe que o faça nas melhores condições possíveis de preparação.

Ora isso não tem acontecido sempre e na defesa de um atleta cheio de qualidades e que o povo português muito justamente admira, tanto pela sua coragem como porque vê nele o seu campeão, procedeu a Direcção Geral dos Desportos — convicta de que uma nobre reacção de sentimentos, e um interesse maior pelo seu estado físico, podem reintegrar o jogador moçambicano no lugar que lhe compete e a que deve ascender.

Iniciativas da «STADIUM»

ESTAMOS a pouco mais de oito dias da data marcada para a inauguração do «Curso de Ciclistas», a interessante e útil iniciativa a que «Stadium» meteu ombros, com o fim de aumentar o nível de conhecimentos dos corredores de bicicleta. E por estar prestes a principiar tão original como proveitoso curso, o interesse por semelhante inovação é cada vez maior.

Embora uma parte dos clubes aos quais se enviaram convites para inscrição de ciclistas ainda não tivessem indicado os nomes dos seus representantes — o hábito de guardar sempre para a última hora o que pode fazer-se com tempo... — o número de inscritos atinge já perto de meia centena, entre os quais estão rapazes que têm mostrado valor em muitas das competições do nosso calendário.

O propósito desta circunstância,

Ciclismo, na rua Barros Queiroz.

Também já está elaborado o programa dos trabalhos e das sessões preliminares. Nestas serão versados os seguintes assuntos:

O que é o ciclismo como modalidade desportiva; a bicicleta como invento, veículo de desporto e de utilidade; o que têm sido os aperfeiçoamentos da bicicleta; condições para se ser corredor; as dimensões dos quadros de corrida; como se deve equipar uma bicicleta de corrida; e posição sobre a bicicleta, etc.

Pela simples descrição das matérias a versar se compreenderá a utilidade do «Curso de Ciclistas», que o nosso estimado camarada Gil Moreira dirigirá com a sua comprovada competência.

A Prova de Iniciação

Prosseguem também com regularidade os trabalhos necessários

Vamos movimentar o ciclismo de competição?

apressamo-nos a esclarecer que o «Curso», ao contrário do que por lapso foi interpretado, é livre e nele podem inscrever-se todas as pessoas, quer sejam ou não ciclistas e seja qual for a sua idade.

Assim, poderão usufruir os benefícios do «Curso de Ciclistas» os indivíduos que correrem, os ciclo-turistas e até aqueles que, não sendo uma ou outra coisa, estão ligados ao ciclismo como dirigentes, orientadores técnicos das seções velocipédicas ou simples frequentadores das reuniões velocipédicas. E que a todos serão úteis os ensinamentos a ministrarem nas aulas, que principiam no próximo dia 14.

Está já definitivamente fixado que a primeira sessão do curso — a de abertura — se efectuará na sede da Federação Portuguesa de

para a organização da interessante «Prova de Iniciação», reservada, como temos dito, a corredores principiantes.

Corrida de características especiais, com o fim de revelar novos valores, a «Prova de Iniciação» está marcada para 28 e 29 de Outubro. Compreende, como já dissemos, quatro tiradas, que serão disputadas nos seguintes percursos:

Lisboa—Sintra; Sintra—Lisboa; Lisboa—Tórres Vedras; e Tórres Vedras—Sobral—Lisboa.

A inscrição para esta corrida é absolutamente grátis e pode fazer-se, desde já, na redacção da «Stadium» ou na sede da Associação de Ciclismo.

Como prémio principal, haverá uma bicicleta «Flecha», destinada ao vencedor absoluto da corrida.

Condições especiais para participar na «Prova de Iniciação»: estar inscrito na categoria de iniciados, ou nunca ter corrido sob os regulamentos da Federação, e não ter mais de 25 anos.

Está assegurada a participação nesta inédita prova dos novos corredores do Benfica e do Sangalhos; e espera-se a inscrição de representantes dos restantes clubes de Lisboa que têm secção de ciclismo, assim como de estradistas dos concelhos limítrofes da capital, como sejam Tórres Vedras, Sintra, Loures, Setúbal, Barreiro, Vila Franca e Sobral.

ação similar da Dama e da Torre negras 1...., D6; 2. Tc5. 1...., D5; 2. Tc3 1...., T6; 2. Tc4. 1...., T6; 2. Tc6.

Problema n.º 16: 1. D-f2

Tema: o extraordinário «Fiek», de difícil solução, o qual, segundo o dr. Mario Machado e outros, entra quasi no domínio da patologia do problema. O seu enunciado poder resumir-se nestes dados: as brancas ameaçam 8 mates; as pretas, nas defesas temáticas, defendem n-7 desses mates. Neste, as brancas ameaçam, depois da chave, 6 mates (1); as pretas conseguem sempre defender 5 deles, subsistindo um único mate: Se 1...., Txa1; 2. Cc1; 1...., T ou Bxb2; 2. Dc3. 1...., c3; 2. Bxc2. 1...., Bxf1; 2. Dc1; 1...., Cf3; 2. Dxc2. 1...., Dxf1; 2. Cf4; 1...., c5; 2. Df5.

ANO XII—Lisboa, 4 de Outubro de 1944—II Série—N.º 96

Stadium

REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor: Dr. Guilhermino de Matos

Propriedade da

SOCIEDADE DE REVISTAS GRAFICAS, L.ª DA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

T. CIDADÃO JOÃO GONÇALVES, 19-3.º

Telefone 5 1146 — LISBOA

Execução gráfica de NEOGRAVURA, LTD. — Lisboa

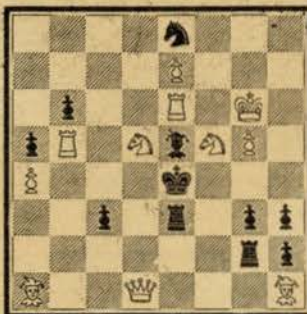
VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

XADREX

PROBLEMA N.º 19

A. F. Arguelles e J. Páris (Espanha)

B. C. F. Tourney n.º 45 — 1943/44



1.º prémio Mate em 2 lances

SOLUÇÕES

Problema n.º 15: 1. B-32

Este belo «meredith» versa um interessante tema de bateria da Torre e Bispo, com o máximo de célios, repartidos pelo

O balanço da época

oferece-nos motivos de satisfação e deixa antever futuro próspero para a modalidade

Comentários pelo dr. SALAZAR CARREIRA

PARA avaliarmos com justiça o merecimento da época finda, temos forçosamente de a considerar em cada um dos seus diversos elementos: expansão, profundidade, interesse e evolução.

O primeiro destes aspectos é francamente favorável; o atletismo conquistou larga margem no favor do público, ressurgiu entusiasticamente no centro portuense e valorizou-se com a revolução de alguns novos praticantes de promissora classe.

Nunca, como durante esta temporada, houve em tódas as organizações oficiais da época lisboeta tamanha e tão regular afluência de público, assegurando ao organismo regional importantes receitas, que ele amealhou na totalidade, a coberto de disposições regulamentares que não foram estabelecidas com a desejável visão larga do futuro e por preterir sem dúvida os legítimos direitos dos clubes concorrentes, aos quais se deve, afinal e exclusivamente, tudo quanto o atletismo regista em progresso técnico e em melhoria de instalações.

São para eles todos os encargos, tódas as responsabilidades e todos os sacrifícios; é da mais elementar justiça que lhe venha a pertencer também uma parcela dos benefícios.

Este é um dos muitos pontos a ponderar na já anunciada e decidida reforma geral dos regulamentos federativos.

A melhoria global de resultados foi posta em foco com a parada de números exibida na nossa crónica da semana passada, mas necessita de algumas indicações complementares: relativas umas ainda aos homens da categoria consagrada e as restantes ao comportamento, muito importante de apreciar, dos novos recrutados.

Vejam, em primeiro lugar, onde se colocam, na escala nacional, os valores vértices da época.

a) — «*Récorde*s» nacionais batidos: 4

400 m. por José Sampaio Peixoto (A. F. C.) com 51,1 s. em 10-9-44; estafeta 4x100 m., pelo Sporting Clube de Portugal (A. Dias, Abrunhosa, Nâncio e Lourenço)

com 45,8 s., nos Nacionais, em 26-8-44; Salto em comprimento, por Alvaro Dias (S. C. P.) com 6,95 m., em 26-8-44; 400 m. barreiras, por Matos Fernandes (S. L. B.), primeiro nos regionais com 57,0 s. em 15-8-44, e depois nos nacionais com 56,4 s., em 26-8-44).

Em 1943 apenas um «*récorde*» havia sido melhorado: o do lançamento do dardo, por António Cadete, com 50,98 m., em 15-8-43.

b) — *Equivalência das outras melhores marcas do ano:*

100 metros — 10,9 s., Eugénio Eleutério (S. L. B.), 12.º resultado português (10,6 s., Sarsfield e Prata de Lima; 10,8 s., Gentil, Pôrto, Carvalhosa, F. Prata, Alves Pereira, Lima Marques, Cunha Rosa, Vasconcelos e Lourenço).

200 metros — 22,7 s., Sampaio Peixoto (A. F. C.), 9.º resultado português (22,2 s., Gentil dos Santos; 22,4 s., Vasconcelos; 22,5 s., Ferreira, Evaristo e Lourenço; 22,6 s., Sarsfield e Pôrto).

300 metros — 2 m. 2,5 s., Sampaio Peixoto, 4.º resultado português (1 m. 58,6 s., F. Bastos; 1 m. 59,8 s., Calado; 2 m. 2,1 s., Ferraria).

1.000 metros — 4 m. 19,8 s., Pires de Almeida (S. L. B.), 9.º resultado português (4 m. 11 s., F. Bastos; 4 m. 12,4 s., Nogueira; 4 m. 13,6 s., Pires de Almeida; 4 m. 14 s., Matos Henriques; 4 m. 16,6 s., Almeida; 4 m. 17,2 s., M. Dias; 4 m. 18,1 s., Azevedo; 4 m. 19,4 s., Angelino).

5.000 metros — 15 m. 48,8 s., João Silva (S. L. B.), 5.º resultado português (15 m. 25,8 s., M. Dias; 15 m. 37 s., Graça; 15 m. 40 s., Almeida; 15 m. 49,8 s., Tavares).

10.000 metros — 33 m. 11,6 s., João Silva, 3.º resultado português (32 m. 23,8 s., Almeida; 32 m. 82,4 s., Albino Silva).

Barreiras, 110 m. — 15,8 s., F. Ferreira (S. L. B.), 2.º resultado português, igualando marcas de Pereira e Gloria Alves.

Salto em altura — 1,75 m., por Matos Fernandes (S. L. B.) e João Durães (S. C. P.), 10.º resultado português (1,88 m., Espirito Santo; 1,85 m., Matos Fernandes; 1,83 m., Vasconcelos; 1,83 m., Bastos Machado; 1,82 m., Pascoal; 1,83 m., Cunha, Durães; 1,76 m., Antero e Esteves).

ECOS E COMENTÁRIOS

Atravada do penúltimo domingo fixou, na prática, a transição do verão para o outono. Vieram as primeiras chuvas... E veio também o primeiro sinal de que se preparam para entrar em actividade os desportos de inverno. O Benfica principiou os treinos de «*rubgy*».

A preparação começa talvez cedo, quanto ao costume. Oxalá que a entrada a tempo sirva para que os torneios de «*rubgy*» consigam este ano mais algum entusiasmo. Por nossa parte, vamos contribuindo para a propagação deste desporto com os artigos técnicos do nosso distinto colaborador dr. Salazar Carreira. Tem agora notável oportunidade.

PELA demora que teve, podemos julgar trabalho o recurso que o Fôsforo apresentou, em devido tempo, contra o Estoril Praia, acerca do desafio de passagem de Divisão, disputado há um bom par de meses. O recurso foi interposto para a Direcção Geral de Desportos. E esta entidade considerou-o improcedente.

A Direcção Geral não deixou sem castigo a redacção do recurso, tendo aplicado ao Fôsforo a pena de repreensão escrita, por «*insinuações que atingem a honestidade e o prestígio de toda a hierarquia desportiva*». Nos termos do respectivo comunicado, a redacção do recurso demonstrou, da parte dos dirigentes responsáveis da colectividade, errada compreensão dos seus deveres.

Há entre nós tendência para duvidar da isenção, da inteligência e do espírito de justiça de quem resolve os recursos e protestos, sempre que a resolução não agrada a todos os interesses em causa... Convém arrear caminho. Mas convém sobretudo criar outra noção do desporto!

O problema do pugilismo amador é uma coisa complicada entre nós, onde muita gente propende para começar logo mestre... Não se percebe, porém, que existam bons pugilistas profissionais, sem haver amadores com geito...

A Associação de Pugilismo lançou as bases de um grande torneio de amadores, fazendo larga propaganda entre varios clubes. Apareceu no entanto pouca gente. Desanimou com o resultado — e desistiu do torneio. Se não se compreende o desânimo, menos se compreende o resto.

É digno de relêno o esforço de alguns clubes na movimentação das suas equipas, como treino para os respectivos atletas. Encontra-se nesse caso o Vasco da Gama, clube portuense dedicado especialmente ao «*basketball*». Como preparativo para a nova época, organizou um torneio interno, de grupos mistos. E está disputando agora outro torneio, de grupos representativos das ruas da cidade. Com um ou outro pretexto, os jogadores trabalham. Quando começar a temporada, devem estar em plena forma. Candeia que vai adiante, alumia duas vezes...

FIGURARAM já esclarecidas oficialmente as condições em que caducam as transferências feitas por motivo de serviço militar, relativamente ao futebol. As transferências feitas a partir da presente época (1944/45) caducam no final da época em que os jogadores forem licenciados.

É esta, pois, a doutrina para o futuro.

Salto à vara — 5,51 m., António Santos (S. L. B.), 5.º resultado português (5,70 m., Boaventura; 5,60 m., Vieira).

Tripla salto — 15,81 m., Luis Alcide (S. L. B.), 5.º resultado português (14,04 m., J. Vieira e 14,015 m., Espirito Santo).

Lançamento do peso — 12,85 m., Emídio Ruivo (S. C. P.), 4.º resultado português (15,40 m., Ruivo; 15,07 m., Garinel e 12,92 m., Cardoso).

Lançamento do disco — 39,65 m., M. da Silva (S. C. P.), 5.º resultado português (45,70 m., Mendes e 41 m., Cardoso).

Lançamento do dardo — 48,54 m., T. de Macedo (S. C. P.), 9.º resultado português (50,98 m., Cadete; 50,44 m., T. Macedo; 50,44 m., Farinha; 49,66 m., Garinel; 49,45 m., Rodrigues; 49,12 m., Barreiros Gomes; 48,72 m., Adriano Pires; 48,65 m., Arsenio Soares).

Lançamento do martelo — 44,37 m., Herculano (A. F. C.), marca que só ele próprio excedeu por duas vezes; acresce que o segundo homem da época, M. da Silva, com os seus 43,86 m., guiudou-se ao segundo lugar da lista, logo atrás do veterano campeão.

Por esta enumeração podem os leitores verificar que só nos 100, 200 e 1.500 metros, salto em altura e lançamento do dardo, os melhores do ano não se classificaram entre os melhores de todos os tempos.

Mais eloquentemente prova ainda: entre os cinco melhores portugueses de cada uma das provas olímpicas, figuram 17 com marcas conseguidas em 1944, 10 em 1940 e 7 em 1938 e 1939, entrando as restantes temporadas com menor contributo. Note-se que se referem apenas os homens que conseguiram nestes anos os seus melhores resultados, o que obriga a não entrar em conta com algumas das melhores marcas da época finda, como as de Tamegão, António Marques, Emídio Ruivo e Herculano Mendes.

A orientação, a nosso ver errada, impressa nos últimos anos ao atletismo nacional, subordinando o objectivo dos torneios de campeonato à conquista de trofeus colectivos, por adição de pontos, tem prejudicado apreciavelmente o trabalho de especialização e obrigado os nossos melhores valores individuais a esforços por vezes exagerados e a inútil dispersão de actividade. O facto está provado e, custe isso muito embora a alguns dirigentes de opinião contrária (tódas as opiniões são legítimas desde que se fundamentem), considero-o com os dias contados, para dar lugar a melhor e até mais interessante solução.

Ateneu Comercial de Lisboa

Nesta conhecida colectividade está aberta a matrícula para as várias aulas de Educação Física, constituídas pelas classes de ginástica sueca, aplicada, olímpica e artística, para homens; ginástica educativa, para senhoras e crianças; esgrima, luta e pesos; pau e «*boxe*», funcionando, também, uma classe de dança.

Na secretaria do Ateneu prestam-se todos os esclarecimentos aos interessados.

A natação no Pôrto anda há muito tempo em crise. Não há dúvidas a este respeito.

As divergências notam-se apenas quanto às causas da crise. Este ano, por exemplo, não apareceu ninguém do Pôrto nos campeonatos nacionais inter-clubes. E ouvimos dizer que não se pode fazer nada, no Pôrto, enquanto não houver piscinas. Para nós, e há anos, a causa principal é a falta de entusiasmo. Os clubes não trabalham.

Não seria necessária a contra-prova. Mas tornou a aparecer, no penúltimo domingo.

A delegação local da F. N. A. T. fez os campeonatos regionais, no lago do Palácio de Cristal, e o Salgueiros organizou duas provas, no rio Douro. Quando os clubes querem, arranjam-se locais. Não são, evidentemente, dos melhores. Serrem, no entanto, para que a natação desportiva não desapareça por completo.

Corrija o seu ESTILO

A fotografia é o fiel reflexo das atitudes atléticas e serve para anotar defeitos e virtudes



72 — Alvaro Dias, campeão de Portugal e de Lisboa, detentor do «record» nacional do salto em comprimento.

I. O valor do atleta — estreante de 1943 e vencedor de todas as provas da especialidade em que tomou parte — justifica o estudo completo que apresentamos hoje.

Nesta primeira imagem iniciam-se a impulsão.

1 — O pé de chamada assentou atrasado e acaba aqui o rolamento da sola do pé, cujo eixo coincide com a linha do salto.

2 — Boa elevação do joelho livre, antecedendo o avanço da perna; o forte ângulo de flexão do joelho também é a conclusão de um movimento que favorece a aceleração da projecção anterior e a necessária subida do joelho, atrás do qual seguirá o corpo do saltador.

3 — O braço exerce a sua tração com energia (nota-se o relêvo das contrações musculares) e o ante-braço aponta para cima, guiando o sentido ascensional da impulsão coordenada.

II. 1 — A descolagem fez-se pela ponta do pé e a extensão completa da perna de chamada mostra que foi integralmente aproveitado o esforço muscular impulsivo dos extensores do joelho e do pé.

2 — O joelho livre completou a subida até ao nível da anca e a perna desfletoiu, atirando o pé respectivo para a frente, novo movimento a ajudar a propulsão do corpo.

3 — O braço esquerdo colabora na tração do corpo, para cima e para diante, ao passo que o outro se desvia para fora, no esbôço de um movimento de abdução e circundação, destinada a manter o equilíbrio.

III. Estamos no vértice da curva.

1 — A perna de chamada flectiu antes de iniciar o golpe de tesoura e o tronco, inclinado à rectaguarda, indica o trabalho dos dorsais, fixando apoio sólido para o movimento cruzado dos membros inferiores, que vai seguir-se.

2 — A perna livre já come-



ção a descida para trás (o joelho está mais baixo, em relação à anca, do que na imagem precedente); a perna vai estendida, constituindo assim uma espécie de fulcro sobre o qual gira o avanço da outra perna.

3 — Os braços, no complemento do já indicado movimento de circundação lateral, estão no máximo do recuo e seguirão depois para cima e para a frente.

IV. 1 — A perna de chamada completou o golpe de avanço e chegou ao fim da trajectória.

2 — A perna livre executou o recuo do golpe de tesoura e volta adiante para se reunir com a outra na preparação da queda.

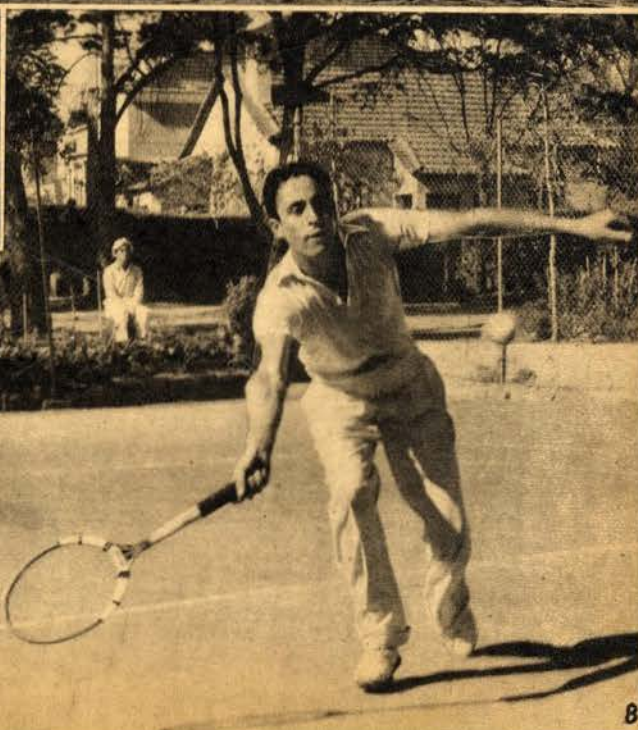
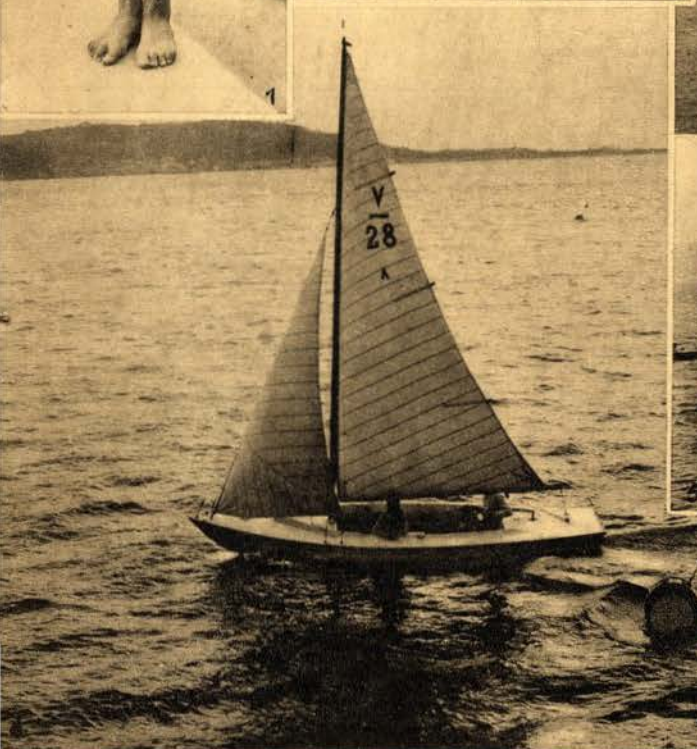
3 — Os braços veem ambos à frente, a puxar o corpo e, com êle, o centro de gravidade no sentido da queda. Podemos apontar aqui a primeira atitude corrigível, pois nesta fase do salto a linha do tronco já devia estar mais avançada.

V. 1 — A posição das pernas para a queda é correcta, bem avançadas, estendidas e unidas. Neste particular, a técnica do saltador melhorou em relação à época passada, como se pode verificar pelo confronto com a fotografia publicada nesta secção, com o n.º 1, em 11 de Agosto de 1943, onde os joelhos se apresentavam em marcada flexão.

2 — O tronco está muito apurado; o defeito deve-se, em parte, ao mau trabalho dos braços, que nem avançaram nem desceram como era conveniente.

Do conjunto deste estudo pode concluir-se que o salto de Alvaro Dias beneficia de excelentes chamada e elevação, golpe de tesoura bem coordenado — mas no qual parece insuficiente o trabalho dos abdominais no engrupar final e queda defeituosa no referente à atitude do tronco e ao trabalho dos braços.

Salazar
Carreira



NATAÇÃO: 1 — Maria de Lourdes Teixeira Mendes, que estabeleceu o «record» de 100 metros braços, meninas, iniciadas; 2 — Aspecto do desfile no festival do «Nadador do S. A. D.», sendo o estandarte do clube conduzido por Lucília Anjoja; 3 — À equipa do S. A. D. que bateu o «record» dos 4x100 metros livres, iniciados. **VELA:** 4 e 5 — Dois aspectos das regatas promovidas pelo «Maré Nostrum»; 6 — Brax Neves e Diamantino Gama, da B. Naval, ganham o Campeonato Nacional de Vouças. **TENNIS:** 7 e 8 — Josefa de Riba e Francesco Romanoni, os vencedores individuais dos Campeonatos Internacionais nos «cortas» da Parada.

Considerações a propósito...

O empate de Sintra e as suas conseqüências — «Jôgo grande» — Público apaixonado — Respeito pelos árbitros e outras coisas que importa conhecer

DESDE o advento do «hockey» em patins no país, vai em duas décadas, que assistimos a jogos da modalidade, mas nunca vimos tamanha curiosidade e envolvimento, misto de rivalidades regionalistas, como há dias, em Sintra.

Ora quando um desporto ganha êsses emolientes, há, na verdade, qualquer coisa de atracção, que interessa e cativa, que entusiasma e faz vibrar as multidões.

Dá gôsto ver como as gentes de Paço de Arcos e Sintra se combatem, sem excessos condenáveis, mas com paixão feita da muita amizade pelos seus clubes predilectos.

Pois quem possa ter comando sobre os nervos e veja os acontecimentos em serena paz de espirito, delicia-se com o espectáculo. E julgávamos nós que só no futebol tal sucedia! Mas não. É que ao redor de um «rink», pequeno quadrilátero em relação aos grandes campos onde se pratica o desporto-rei, o público vê melhor e está tão «em cima» dos jogadores que se nos afigura até que toma também parte no jôgo... E talvez seja por isso que o espectáculo, já de si belo e estimulante, ganha «côr», movimento, animação fora do comum.

Aconselhamos os leitores a verem um jôgo de «hockey» em patins — principalmente quando se defrontem Sintra e Paço de Arcos, os heróis do «amanhã» da modalidade.

Neste encontro, verdadeiramente de campeonato, jogou-se com muito entusiasmo e rapidez, a tal ponto que, no final, tudo estava esgotado: jogadores, público e «referee»!

Só foi pena que os sintrenses não soubessem «segurar-se», permitindo o empate (o resultado foi de 3-3) a pouco mais de meio minuto do final.

E enquanto os visitantes rejubilavam, como era natural, foi de notar o abatimento dos visitados, conseqüência de um tento arrelhador que os apareceu quando talvez ninguém esperava... mas que se justificou. E vamos dizer por quê?

Quando um «team» que necessita de vencer está a ganhar (era o caso do Sintra) procura a baliza com maior insistência ainda e não deve cuidar somente da defesa: há até uma frase que diz que a melhor defensiva é o ataque. Mas os sintrenses enebriaram-se com a miragem do triunfo... e o Paço de Arcos, mais sereno, não desperdiçou a oportunidade que se lhe oferecia de abandonar Sintra mais uma vez invicto. Que importava aos locais o empate ou mesmo a derrota? Era preciso ganhar. Conseguiram estar com vantagem — mas faltavam treze minutos e a tática a seguir na emergência era a ofensiva «em massa», à procura de um «goal» de confirmação; feito êle, acatulariam então a defesa. Mas só depois de isso.

Como procederam de maneira diversa — com a fatalidade do empate numa altura em que não havia possibilidades de modificar o resultado — sofreram as conseqüências. Um «aviso», que deve servir para futuro.

O público (certos sectores mais apaixonados...) insurgiu-se contra a arbitragem. Agora, que a serenidade voltou, convenhamos que não tinha razão. O trabalho do sr. Melo foi meticuloso e correcto, sem quebra de autoridade e impondo disciplina aos jogadores. Teve êrros? É natural. Quem os não tem? E quem os não teria no meio daquela barulheira infernal...

O «referee», é, sempre e por tudo, uma pessoa honesta e respeitável. Se os clubes confiam nêle, e os jogadores acatam as suas decisões, é necessário que o público compreenda que não tem de interferir.

Voltemos ao jôgo, que foi dos mais emocionantes a que assistimos. Teve como principal característica a velocidade — sucedendo-se os lances, rapidíssimos, de antecipaço ao adversário, a impôr vontade e num desperdício de energias que constituiu o maior atractivo. O Paço de Arcos, seguindo tática aconselhável

na circunstância, pôde chegar a 2-0; mas o Sintra não se desconcertou, nem sequer se deixou subjugar, como podia acontecer, e fez 3-2. Então registou-se o período de maior emoção, que só findou com o desafio, pouco mais de meio minuto a seguir ao empate. Em suma: um grande jôgo, um verdadeiro jôgo de campeonato, esgotante e que estorou os nervos dos intervinientes no prélio e da própria assistência. Belo espectáculo desportivo, na realidade, excelente motivo de propaganda de um desporto triunfante.

Quando à visita do Sintra ao Pôrto, que foi ali ganhar as duas partidas do torneio nacional (L. Sagres, 6-5; Académico, 6-1), já a crítica local se pronunciou. Cabe-nos dizer, porém, que não esperávamos tanto dos sintrenses. Merecem parabéns — pela excelente representação do «hockey» lisboense. Tivemos agora a visita dos campeões do Pôrto. Mas como, por necessidades de paginação, êste artigo foi escrito antes de vinda dos «academistas» a Sintra e a Paço de Arcos, só no próximo número comentaremos os jogos dos portuenses, indicando-se, contudo, noutro lugar, os resultados obtidos. — J. M.

A FESTA BELENENSE

25 anos de actividade desportiva comemorados com luzimento

As festividades das «Bodas de Prata» do Belenenses — vinte e cinco anos de actividade triunfante ao serviço do Desporto — tiveram brilhantismo fora do comum: houve uma sessão solene de agradecimento a colaboradores nas festas, duas conferências na sede, desafios em modalidades diferentes, um festival em que figuraram todos os atletas do clube, rendendo-se também homenagem pública ao sr. comandante Reis Gonçalves, e, por fim, o tradicional banquete de confraternização. A festa das Salésias — no estádio que tem o nome de José Manuel Soares, simbolo no futebol português e figura de desportista que os desportistas não esquecerão jamais — assistiram o venerando Chefe do Estado, ministro da Marinha, sub-secretário da Educação Nacional, capitão Maia de Loureiro e sr. Salazar Carneira, além de outras entidades oficiais.

De 25 de Setembro até 1.º de Outubro, esteve em festa constante a família belenense. Nada se esqueceu para tornar lúcido o programa de comemorações das «Bodas de Prata», um quarto de século de actividades desportivas. E tudo se aproveitou, ao máximo, para a melhor propaganda do Belenenses.

Cerca da primeira palestra, «A vida do clube durante 25 anos», falou-se já no ultimo numero do «Stadium». Seguiram-se-lhe encontros de «hockey» em campo, «sénias» de mesa, mesa, nataço, «rugby», «volley ball» e «handball» — entre equipas do Belenenses e de outros clubes. Nêsses encontros, registaram-se três vitórias dos «azuis», uma de retumbância, pois foi conquistada, sobre os campeões lisboenses de «sénias» de mesa: o Combatentes. Triunfo por 5-2, tanto mais meritório quanto é certo que os atletas do clube em festa estiveram a perder por 0-2, ganhando, depois, as cinco partidas imediatas. O Sporting colaborou duas vezes com o Belenenses, vencendo um «handball», por 6-2, e um «rugby», por 6-3. No «volleyball», Belenenses bateu Inter-nacional por 2-1 (15-11, 15-11 e 21-6). E em «hockey» registou-se empate de 0-0. Em nataço, novo triunfo belenense, sobre Pedrouços, por 31 pontos a 27.

Raúl Oliveira, director de «Os Sports», proferiu a ultima conferência, versando um tema suggestivo: «O valor do Belenenses no desporto nacional». Presidiu o sr. Aires Martins, que apresentou o conferencista, e entre a assistência viu-se os antigos «internacionais» de futebol Alberto Rio e Mariano Amaro, além de outras figuras gradas do Belenenses.

Na sessão de cumprimentos aos presidentes das diferentes federações e associações desportivas em glória do Belenenses se encontra inscrito, muito concorrida de público e atletas, saúdos-se o clube e fez-se o agradecimento da colectividade aos seus colaboradores nas festas levadas a efeito. Presidiu o dr. Bento da Rocha, da F. P. F., secretário-geral o dr. Coelho da Fonseca e capitão Maia de Loureiro. Discursaram: dr. Fernando Denis, pela direcção; Manuel de Oliveira, em nome do «baseball»; Manuel Mata, representante da velocidade nacional; Paiva e Silva, director do Atlético; dr. Barreira de Campos, presidente do Sporting; capitão Maia de Loureiro, pelo atletismo; e, por ultimo, o dr. Bento da Rocha.

O festival das Salésias constituiu espectáculo interessantissimo e teve, como se diz acima, a assistência do sr. Presidente da República, saudado com entusiasmo á sua chegada ao camarote de honra. Na parada de atletas estavam representadas todas as secções do clube. Conduzia o estandarte da colectividade a menina Ana

Os campeonatos da F. N. A. T.

A Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho promoveu pela segunda vez, no seu campo de Belém, os campeonatos de atletismo reservados aos filiados que não pertencem à organização clubista e não tomam parte, pelo menos há duas épocas, em provas oficiais.

Desde que foi adoptado êste sistema registaram-se de facto interessantes progressos e, sobretudo, grande incremento na expansão das práticas desportivas, captando inúmeros adeptos, alguns dos quais revelando aptidão apreciável.

Aos campeonatos dêste ano concorreram 138 atletas, numero muito superior ao da época antecedente, e as marcas melhoraram na quasi totalidade, tanto nos casos em que o vencedor foi o mesmo como nos outros em que se afirmou novo campeão.

As equipas melhor apetrechadas foram as da F. N. L. M., primeira classificada colectivamente, dos Sapadores Bombeiros e da Fábrica de Sacavém, segundas classificadas em igualdade, da «Cuf» do Barreiro e da Casa Vaultier; o Banco N. Ultramarino beneficiou da presença de Romeu Correia, que lhe ganhou 11 pontos.

Individualmente, repetiram as suas vitórias de 1943 cinco atletas, dos quais dois melhoraram a marca e um manteve igualdade; os

(continua na pág. 15)

Linheiro, figura mais representativa da nataço belenense e campeão na categoria de principiantes. Ladeavam-na duas outras desportistas de nome no clube: Francilina Moita e Georgette Duarte. A seguir, todas as secções do clube: a frente a secção feminina, com as campeãs de atletismo, de nataço e de «baseball»; e depois as representações masculinas do «volleyball», «baseball», «sénias» de mesa, atletismo, «hockey», «handball», futebol e nataço — todos os desportos que os belenenses praticam.

Findo o desfile, os atletas perfilaram-se, a meio do terreno, saudando o Chefe do Estado á maneira olimpica. Então Ana Linheiro fez subir no mastro de honra a bandeira do clube e Aires Martins, presidente do Belenenses, agradeceu a presença do sr. general Carmo e saudou o comandante Reis Gonçalves, em cujo peito o sr. Presidente da Republica colocou a medalha de dedicado clubista que lhe fôra conferida pela colectividade. Momento solene e emotivo esse — que fica a ilustrar a historia do Belenenses e constitui preito dê justa homenagem a um desportista de corêdor como e o presidente da assembleia geral do clube. E o dr. Bento da Rocha, da Federação de Futebol, entregou ao Belenenses as taças conquistadas no ultimo campeonato de Lisboa (1.º, 2.º, 3.º, 4.º e 5.º de conjunto), acto que a multidão aplaudiu com aplausos entusiasticos, aclamando efusivamente os jogadores campeões — e em especial Linheiro.

Após o banquete de confraternização, que reuniu cerca de três centenas e meia de convivas e se effectuou na Casa dos Belvas, em ambiente de alegria, presidiu o nosso estimado colaborador dr. Salazar Carneira, inspector dos desportos e em representação do Director Geral. A direita sentaram-se o comandante Reis Gonçalves, drs. Bento da Rocha e Constantino Fernandes, Salvador do Carmo, Armando Felipe da Silva e João Bandeira, do Estoril Praia, e, á esquerda, capitão Maia de Loureiro, drs. Aires Martins e Coelho da Fonseca, comandante António Maria Ribeiro e Miguel Butcher. Na mesa de honra viu-se ainda Cândido de Oliveira, capitão Ribeiro dos Reis, major Raúl Martinho, Jorge Vieira, Plácido de Sousa, Adolfo Rosa, Edmundo Pombal, Raúl Oliveira, Miro Soutos, Raúl Vieira e Tiavassos Tavares — tudo gente grada nas esferas desportivas e no clube. Entre a assistência, muitas senhoras, algumas atletas belenenses, os antigos jogadores Augusto Silva, Mariano Amaro e irmão Rios, Francisco Mega e outras individualidades de valto no colectivo e no desporto nacional.

Começou a série de brindes, curta, como convinha nas circunstancias, a presidente da assembleia geral do Belenenses, comandante Reis Gonçalves, que saudou a D. G. D. e a Imprensa e evocou alguns nomes de pessoas ligadas ao clube ou que por êle se interessaram em occasões diversas. Falaram seguidamente o comandante António Maria Ribeiro, na sua qualidade de belenense de uma só fé; Adolfo Rosa, Raúl Oliveira, major Raúl Martinho, drs. Coelho da Fonseca e Bento da Rocha, o jogador Antonio Feliciano, capitão do «senna» principal de futebol, e, por ultimo, com o habitual brilhantismo, o representante da Direcção Geral dos Desportos, — assim terminaram — num ambiente de franca alegria e lúcido camaradagem desportiva — as comemorações das «Bodas de Prata» do Belenenses, um clube cuja actividade não cansa — que é grande mas quer ser ainda maior.

NESTE conjunto de subsídios para a história da vida dos nossos mais representativos clubes de futebol, o actual Grupo Desportivo da C. U. F. apresenta-se-nos com características diferentes de todos os outros homenageados, além de que, sendo estas reportagens destinadas a assinalar a posição de relêvo que cada grupo conquistou na última época do futebol nacional, temos de referir-nos a um clube que no espaço de tempo ocupado por estes nossos trabalhos sofreu profunda transformação, adoptando até outro nome.

Este facto em nada prejudica a ideia da iniciativa da «Stadium»; pelo contrário, constituiu mais um pormenor interessante a juntar aos elementos que são, de maneira geral, a história dos nossos clubes de futebol.

No entanto, a nossa reportagem é, como se compreende, dedicada ao Unidos Futebol Clube.

* * *

O Clube começou a sua actividade com o nome desportivo que recentemente voltou a adoptar: Grupo Desportivo da C. U. F. — fundado em 9 de Abril de 1921 por um grupo de empregados da poderosa Companhia União Fabril.

Esse grupo era constituído, entre outros, por Mário da Silva Marques, o conhecido nadador, e Tomaz de Aquino.

Esta primeira iniciativa não deu os resultados que se esperavam.

Em 1933, outro grupo de rapazes mais animosos reorganizava o «Cuf».

Vitor Lorent, Falcão Jorge, António Nunes, António Pinheiro, José Raimundo e José Simões animaram a nova fase do clube, iniciando uma actividade que tinha por especial objectivo transformar os milhares de operários «cufistas» em homens de desporto, além de lhes oferecer benéfica assistência moral e física. E a ideia, levada a todo o país onde a Companhia possui fábricas e filiais, começou fructificando.

Em volta do «Cuf» reuniam-se entusiasmados e dedicações — e em pouco tempo o clube rodeava-se de interessante popularidade.

Logo de início, a actividade do Desportivo da C. U. F. fixou-se no futebol, «basketball», atletismo, tiro e «ténis». Ao mesmo tempo, a filial da Companhia no Pôrto fundava a delegação do clube, interessando-se igualmente pelo futebol, «basketball», atletismo, «ténis», tiro, ginástica, remo e natação. Como animadores desta iniciativa, há que recordar os nomes dos srs. Manuel da Silva, Mário Ramos, Alfredo Viana e Guilherme Ramos.

No Barreiro, onde a C. U. F. tem instaladas algumas das suas mais importantes fábricas, a ideia foi desde logo recebida com magnifico interesse. Os nomes dos srs. engenheiro Rocha e Melo e Jeremias Carrilho



O team que conquistou o ingresso do clube na divisão de honra da A. F. L. No 1.º plano (da esquerda para a direita): Américo Rodrigues, Jordão, Ângelo, Tanquinho e Guedes Gonçalves. No 2.º plano (pela mesma ordem): Gaspar Pinto, Pacheco, Francisco José, Lagos, Madueño e José Rodrigues

O UNIDOS FUTEBOL CLUBE

que no decorrer da sua actividade tem marcado posição saliente, vai como **GRUPO DESPORTIVO DA C. U. F.** desenvolver muito maior acção, acompanhando o desporto com um vasto plano de carácter social

ficaram ligados ao movimento inicial do Desportivo da C. U. F. no Barreiro. De principio, o desporto náutico foi a modalidade desportiva a que se dedicou melhor atenção.

O remo ficou como primeira actividade, dispondo de 2 «out-riggers» de 4, vindos de Inglaterra.

Iniciou-se assim a prometedora actividade de um grupo desportivo que viria a alcançar merecida posição de relêvo no desporto nacional. E lembram-se os nomes dos srs. engenheiros Manuel de Melo, grande animador da ideia, António Lóbo e de Américo Rodrigues.

OS PRIMEIROS PROJECTOS

Logo de principio, ainda instalados em salas cedidas pela direcção da Companhia, na sede da rua do Comércio, o novo clube procurava dar realidade a importantes projectos. Pensava-se então no campo de futebol, que seria instalado nos terrenos anexos à fábrica do Poço do Bispo. O projecto era de Alfredo Piedade, o conhecido benfiquista e desenhador da Companhia. Essas instalações comportavam: um campo de futebol relvado, piscina, campo de «basketball», «courts» de «ténis» e carreira de tiro. Nas Fontainhas, em Alcântara, ficaria uma delegação, e na Baixa a sede do clube.

Eram os primeiros projectos, as primeiras aspirações...

O clube prosseguiu. Na época 1936-37 o «Cuf» confirmava a sua actividade, de brilhante futuro. Alcançava o seu lugar na então I Divisão da A. F. L., após um campeonato em que nos oito jogos só sofreu uma derrota e um empate, obtendo justa vitória no jogo de passagem com o Marvilense. Era o caminho para o seu posto na divisão de honra — que alcançou em jogo com o União de Lisboa.

ACTIVIDADE DESPORTIVA

Nos seus onze anos de actividade o clube tem conquistado brilhantes triunfos. De maneira geral, a vida do Unidos Futebol Clube no desporto nacional tem sido assinalada por magníficas vitórias, especialmente no futebol, «basketball», «handball» e ciclismo. Esta resenha que anotamos dá bem ideia da presen-

ça do clube nas lides desportivas do país.

Em futebol, na época 1936-37, a 1.ª categoria e a reserva conquistaram o campeonato de Lisboa da II Divisão, com vitórias nos jogos de passagem com o Marvilense. Em 1937-38, I Divisão, 1.ª categoria, 3.º no campeonato de Lisboa e vitórias na taça «José Manuel Soares». Reserva e 2.ª categoria, vitórias no campeonato de Lisboa.

Em 1938-39, I Divisão, 1.ª categoria, vitória



O grupo vencedor do campeonato da Promoção em 1935/36

Da esquerda para a direita: J. Carrilho (dirigente da secção), J. C. Pereira (massagista), Zariga, António Maria, Afonso, Fonseca, Mira, Simões, C. Correia, J. Maria, Bernardino, Armindo e E. Costa (treinador)

rias no campeonato de Lisboa e nos jogos de passagem com o União de Lisboa; 3.º no campeonato Nacional da II Divisão; reserva, vitórias no campeonato de Lisboa e na taça «Os Sports»; 2.ª categoria, vitória no campeonato de Lisboa.

Em 1939-40, Divisão de Honra, 1.ª categoria, 5.º no campeonato de Lisboa, vitória no campeonato nacional da II Divisão, série da provincia da Extremadura e finalista no apuramento da mesma série. Reserva, 4.º no campeonato de Lisboa; 2.º, série B, na taça «Sá e Oliveira». 2.ª categoria, 4.º no campeonato de Lisboa.

Em 1940-41, Divisão de Honra, 1.ª categoria, 4.º no campeonato de Lisboa; 7.º no campeonato nacional da II Divisão e apurado para as meias finais da «Taça de Portugal». Reserva e 2.ª categorias, 3.º no campeonato de Lisboa.

Em 1941-42, Divisão de Honra, 1.ª categoria, 5.º no campeonato de Lisboa; 7.º no campeonato nacional da I Divisão e apurado para a meia-final da «Taça de Portugal». Reserva, 4.º no campeonato de Lisboa, 2.º do campeonato nacional da II Divisão, 2.ª categoria, 2.º no campeonato de Lisboa.

Em 1942-43, Divisão de Honra, 1.ª categoria, 4.º no campeonato de Lisboa e no nacional da I Divisão e apurado para os quartos de final da «Taça de Portugal». Reserva, 3.º nos campeonatos de Lisboa e no nacional da II Divisão. 2.ª categoria, vitória no campeonato de Lisboa.

Em 1943-44, Divisão de Honra, 1.ª categoria, 5.º no campeonato de Lisboa, campeão da série no campeonato nacional da II Divisão, apurado para os oitavos de final da «Taça de Portugal». Reserva, 3.º no cam-

(Continua na pág. seguinte)

NA altura em que publicamos esta reportagem já o clube nosso homenageado mudou de nome. O Unidos Futebol Club desapareceu, para dar lugar ao Grupo Desportivo da C. U. F. Esta alteração representa um importante plano de reorganização do clube, levado assim para o seu verdadeiro campo de acção, pois apesar de ser um clube de excelente posição no desporto nacional, os seus objectivos principais residem no facto de beneficiar os milhares de operários que labutam na importante organização industrial.

O Grupo Desportivo da C. U. F. é obra de todos! Sob este pensamento se operou a reorganização do clube, ao qual a Companhia União Fabril passou a dispensar carinhosa protecção. Uma grande obra desportiva e social está reservada à actividade do «Cuf», apoiada na dedicação e no interesse que encontrou nos dirigentes da grande organização industrial, especialmente por parte do sr. D. Manuel de Melo, presidente do conselho de administração da empresa.

—De facto— diz-nos o nosso amigo sr. Mário Santos, secretário geral do clube, dis-

Um projecto grandioso

colocará o Grupo Desportivo da Cuf em posição de grande relêvo no desporto nacional

tinto jornalista desportivo e colaborador da nossa revista — só assim era possível dar viabilidade a tão grandioso projecto.

Aquela meia dúzia de entusiastas do desporto, que há mais de uma dezena de anos fundou o «Cuf», começou então uma obra de grande alcance social, que vai pôr-se agora em completo funcionamento.

«É certo que nos interessa sobremaneira o desporto de competição e que desejamos ver os «teams» representativos do nosso clube sempre no primeiro plano das diversas modalidades desportivas que se praticam no

nosso país. Mas, a par deste interesse, desejamos ainda mais fazer obra de vulto, para que dela beneficiem os 18 mil empregados da organização C. U. F. Para isso vamos trabalhar com entusiasmo. O Grupo Desportivo da C. U. F. tem na sua frente larga soma de idéias e trabalhos, que já começou a pôr em prática. O clube será uma obra útil!

E Mário Santos elucida-nos melhor:

—A construção de um Estádio não será um simples projecto. Pode até dizer-se que é uma realidade. O terreno, junto do viaduto «Duarte Pacheco», está já concedido pela Câmara Municipal de Lisboa. Obedecerá a um cuidado projecto, visando a utilidade do local e das instalações. A soma de cinco mil contos a despende com a construção do nosso Estádio dá bem a idéia da grandiosidade do empreendimento.

«Campos de futebol, sendo um relvado, pista de atletismo, campos de «basketball» e «volleyball», «rink» de patinagem, «courts» de «tênis» — um autêntico estádio, com lotação para 30 mil pessoas. A ginástica faz parte integrante da actividade do clube, assim como a natação e o remo. Junto de todas estas construções edificar-se-á um cinema.

«O Grupo Desportivo da C. U. F. será o traço de união entre todos quantos trabalham na grande organização industrial, não esquecendo que toda esta idéa é também em grande parte destinada a seus filhos. A ginástica e os desportos náuticos hão-de ter a frequência constante desses pequenos «cufistas», pois, repito, toda esta enorme obra lhez é dedicada em grande parte. Mas o C. U. F., pondo a funcionar tão belo projecto, pretende que dêle beneficie não só o pessoal da organização como os estranhos.

«Convém frizar que esta idéa de profunda reorganização, que faz do clube uma obra de grande projecção social, se destina a toda a gente.

«Desde que ficou assente o apoio da organização C. U. F. às novas directrizes do clube, começou logo o grande trabalho de pôr de pé a obra que há-de fazer deste grupo desportivo um elemento de valor — a bem do desporto e da sociedade, sobretudo daqueles que trabalham!

Se bem que sejam já conhecidas do grande público as informações que nos forneceu o sr. Mário Santos, elas ficam bem arquivadas nesta reportagem, que constitui uma soma de elementos a registar para a história do Grupo Desportivo da C. U. F.

Tão grande e profunda obra social só pode valorizar um clube de desporto, cujos objectivos de educação física e cuja finalidade social se encontram integrados numa realização que, levada a cabo, será das maiores na vida desportiva do nosso país.

O UNIDOS FUTEBOL CLUB

(Continuação da pág. anterior)

peonato de Lisboa e na taça «Artur José Pereira». 2.^a categoria, 3.^o no campeonato de Lisboa.

Basketball: Em 1936-37, 2.^o no campeonato regional, 1.^a categoria. Em 1937-38, no campeonato regional, 1.^o na 1.^a e 2.^a categorias. Vitórias nos jogos de passagem à Divisão de Honra. Em 1938-39, Divisão de Honra, 3.^o, 4.^o, 7.^o e 6.^o respectivamente em 1.^a categoria, reserva, 2.^a e 3.^a categorias no campeonato regional. Em 1939-40, no campeonato regional, 4.^o, 3.^o, 2.^o e 3.^o, respectivamente na 1.^a categoria, reserva, 2.^a e 3.^a categorias. Finalistas no campeonato de Portugal. Em 1940-41, campeões de Lisboa em categoria de Honra. Em 1941-42, campeonato regional, 1.^o classificado na categoria de Honra e na série e 2.^o no campeonato de Lisboa. Em 1942-43, campeonato regional, 2.^o e 4.^o, respectivamente em 1.^a, 2.^a, 3.^a e 4.^a categorias. Apurados para a meia final do campeonato de Portugal. Em 1943-44, 2.^o, 1.^a

categoria, no campeonato de Lisboa; 2.^o no campeonato de Portugal.

Handball: Em 1938-39, 5.^o no campeonato de Lisboa. Em 1939-40, 3.^o no campeonato de Lisboa. Em 1940-41, suspendeu o clube a prática da modalidade, que voltou a cultivar em 1941-42, obtendo o 4.^o lugar no campeonato regional. Em 1942-43, 2.^o no campeonato de Lisboa e no de Portugal. Em 1943-44, 1.^o lugar no campeonato de Lisboa e apurado para a meia-final do campeonato de Portugal.

Ciclismo: Durante o tempo que o clube praticou a modalidade, em 1938-39, em «Amadores», 28 primeiros lugares, individuais, e 16 segundos. Em «Independentes», 13 primeiros lugares e 11 segundos, individuais também. Vencedor por equipas na «VII Volta a Portugal» em bicicleta. Campeonatos ganhos: de Lisboa, em cross-ciclo pedestre, amadores; fundo, amadores e independentes; velocidade, amadores e independentes.

Em 1937-38, na categoria Amadores, 18 primeiros lugares e 15 segundos, individuais. Na categoria «Independentes», 1 primeiro lugar e 5 segundos lugares, idem. Por equipas, 13 primeiros lugares, 8 segundos e 1 terceiro. Campeonatos ganhos: de Portugal, fundo, amadores; de Portugal, velocidade, amadores; de Lisboa, velocidade, independentes.

Esta resenha de resultados fala por si — e dispensa comentários.



O «team» de «handball» campeão de Lisboa
No 1.^o plano (da esquerda para a direita): Nascimento, Pimenta, Marreiros, António Pereira e Antunes. No 2.^o plano (pela mesma ordem): Duarte, Almeida, Macara, Peres, Miranda e Maia

A FIGURA DA SEMANA

Arnaldo Borges

COMO anunciamos noutra lugar, a secção de atletismo do F. C. do Porto recorreu ao cinema para proporcionar aos seus praticantes mais dilatados conhecimentos técnicos da modalidade. E esta utilização dos largos horizontes que a sétima arte oferece, deve-se, em especial, a iniciativa e à persistência do chefe da referida secção, Arnaldo Borges, que pelo atletismo e pelo seu clube tem sido de uma dedicação sem limites.

Arnaldo Borges, depois de ter praticado o futebol e o atletismo—no primeiro desporto figurou entre os melhores elementos do team de honra do F. C. do Porto; no segundo, foi campeão nacional do salto à vara—dedidou-se à ingrata missão de treinador de atletismo, na qual, apesar da sua ainda curta carreira, tem já obra digna de realce. Os seus «sacresantes» e «juniores» da última época falaram claramente do esforço que desenvolveu e da competência que possui.

Estudioso e intuitivo, dedicado de alma e corpo ao desporto dos «sacresantes», Arnaldo Borges tem magnífico futuro como orientador técnico de atletismo—e o F. C. do Porto pode sentir-se satisfeito de o possuir no seu meio.

Por tudo, pois—e sobretudo nesta semana, por ter conseguido, finalmente, materializar o projecto antigo de se servir do cinema para a divulgação da técnica atlética, Arnaldo Borges, dedicado «portista», tem jiz a esta homenagem, que muito gostosamente lhe prestamos.

ATLETISMO

UM EXEMPLO digno de ser seguido

ATÉ agora, que nos consta, só no F. C. do Porto se continua a trabalhar pelo atletismo, quer organizando torneios particulares para associados e simpatizantes, quer organizando sessões de ginmástica especializada para os praticantes da época que terminou. Nos restantes clubes, pelo contrário, não há sinal de actividade—o que não podemos deixar de lamentar... É pergunta-se agora, com todo o cabimento: a lição da temporada que findou não terá servido de exuberante exemplo?

Se nos congratulamos, pois, com esse visível interesse do F. C. do Porto pelo atletismo, não podemos deixar de lamentar também o não menos visível desinteresse que os outros clubes votaram à modalidade, mal se apagaram os ecos da sua última organização. É que o progresso do atletismo nortenho não pode tornar-se eficiente só com o trabalho de um único clube!

Aqui estamos, portanto, não só para dar à actividade do clube «azul-branco» e realce que ela merece, mas sobretudo para chamar a atenção das restantes colectividades para o salutar exemplo daquela. É isto, ainda, para que a história não venha a repetir-se, dando lugar a comentários que, embora justos, possam levar os mal intencionados a conclusões de «fantasias»...

Uma equipa de atletismo não se prepara um mês antes das provas oficiais e todos os seus componentes devem possuir, além das qualidades naturais, do conhecimento perfeito da técnica da especialidade a que se dedicam. Tudo que não seja assim—será «brincar» ao atletismo...

Nestes meses de «defeso», portanto, será de toda a conveniência que os clubes procurem manter o interesse dos seus atletas pela magnífica modalidade, já organizando ligeiros torneios particulares, já organizando sessões de ginmástica especializada—a exemplo do que se está fazendo no F. C. do Porto.

E cabe também a A. F. A. procurar manter o interesse dos clubes através de conferências técnicas e sessões cinematográficas, conforme a nossa sugestão do último número.

De qualquer forma, é preciso que o brilhantismo da época que findou tenha a natural e lógica sequência!

Sob a orientação técnica do conhecido homem de cinema António Leitão—um técnico de comprovada competência na

Stadium na Capital do Norte

O nível técnico do futebol portuense

mantem-se na média da época passada

DO juízo que é possível fazer através das duas primeiras jornadas do campeonato regional, ressalta esta insofismável verdade: o nível técnico do nosso futebol continua a manter a bitola conhecida. E nem mesmo o equilíbrio que os números deixam transparecer, nos encontros já disputados, podem servir para motivo de satisfação, pois acima dele está a «realidade do jogo», que é impossível de classificar-se como modesta.

Talvez seja ainda prematuro qualquer juízo definitivo—nem a tal nos abalançamos num princípio de época, em que «tudo» está por afinar—mas a verdade é que, nesta altura, as perspectivas para o futuro não se apresentam muito sólidas... Bom seria que os factos nos desmentissem.

O futebol portuense continua a contar, na realidade, com um team: o do F. C.

O progresso da patinagem

NO princípio da época chegou a recuar-se que a patinagem viesse a vida difícil. Felizmente, porém, o ambiente modificou-se por completo, graças sobretudo à inteligente campanha que o nosso camarada Correia de Brito soube desenvolver em O Comércio do Porto, em tão boa hora, e com êxito tão franco, que teve a virtude de levar os «entusiastas» à reorganização da associação regional e os clubes à formação das suas «turmas» representativas.

Na verdade, a patinagem nortenha tem tido uma época brilhantíssima—e pode dizer-se até que nunca as suas organizações tiveram no Porto tão numeroso público e tão entusiástico ambiente a rodeá-las.

Todos os jogos de «hockey» em patins decorrem com perfeito e louvável espírito desportivo, mesmo quando a luta, pelo equilíbrio, se torna mais aguerçada. Ganhou o campeonato o team do Académico—com uma justiça que não deixou dúvidas; a sua vitória foi conseguida através de exibições magníficas, que por contingências várias não tiveram a sequência lógica no campeonato nacional que está a disputar-se.

Mas mais do que os resultados técnicos, o que interessa para já—e o que merece especial relevo—é o interesse exuberante que o desporto «dos patins» está a merecer por parte dos clubes e do público, que ocorre hoje, como nunca, as suas organizações.

Há pois que saber aproveitar esse ambiente. A melhoria técnica virá naturalmente e no momento oportuno, tanto mais que entre nós não faltam elementos de comprovada «classe». Que os fracassos do momento não sirvam, portanto, de motivo para desânimos—mas antes de estímulo para progredir.

sétima arte—está a produzir-se no campo da Constituição um documentário sobre atletismo, no qual tomam parte todos os praticantes do F. C. do Porto. Trata-se de um documentário para estudo do estilo e da técnica atlética—para «uso interno»—e não para exibição pública.

Perante as imagens, com a sua linguagem clara e acessível, o treinador verá a sua missão não só facilitada, como também em melhores condições de êxito. Aqui está uma iniciativa digna de aplausos.

Por motivos alheios à nossa vontade, temos de deixar para o próximo número os comentários à actividade do atletismo nortenho na última época, que anunciamos na passada semana.

do Porto. E não exageramos com esta afirmação, como poderá muito logicamente pensar quem tirar conclusões pelos resultados que os «azul-brancos» têm obtido até ao presente momento... É que o resultado, em futebol, é muitas vezes sofismado por factores estranhos à qualidade do jogo. Ora nas duas exibições do F. C. do Porto, a contar para o campeonato regional, viu-se claramente que o team mantém nível técnico superior ao de qualquer dos restantes concorrentes; que o seu jogo é feito à base de tática definida, de um estilo—chamemos-lhe assim—próprio e sem imprevistos, num somatório de qualidades que não deram ainda o rendimento lógico que só aparecerá com a continuidade dos jogos e dos treinos. Concluindo, os nortenhos podem confiar no seu grupo mais representativo, que neste princípio de época mostra já um «sentido» de jogo agradável, a que só falta o necessário apuramento, com o qual virá a substituição de um ou outro elemento que não se mostre à altura das responsabilidades do lugar que tem ocupado por circunstâncias do momento. Estão neste caso o avançado-centro, o extremo e o interior direitos.

Tanto Lourenço, como Catulino e Faria não oferecem condições para produzir trabalho à altura do valor do clube que representam. Impõe-se o regresso de Correia Dias ao cixo da linha de ataque, com Pinga à esquerda e Araújo à direita.

Quanto aos extremos, parece-nos que a melhor solução seria colocar Franco à direita e Gomes da Costa à esquerda—e na hipótese dêste último não se poder utilizar, Lourenço à direita e Franco à esquerda.

Verifica-se, pois, que no F. C. do Porto há necessidade de remodelar a linha avançada—precisamente o sector que menos tem correspondido ao valor do team. É que a defesa mostra-se segura e a linha média possui inegável valor. Nesta, porém, achamos que o centro ainda

COMENTÁRIOS

AOS JOGOS DE FUTEBOL DO ÚLTIMO DOMINGO

COM esta visita feita no campo do Boavista não já quatro grupos que vimos em campo, em luta animosa, um tanto ou quanto excessiva, por vezes, da parte de alguns elementos mais insoufribos.

O Boavista não nos deu nada de novo; apresenta um ataque muito medido, batilhador, mas a continuar com atabalhoções junto das rdes. No grupo do Bessa, os médios são maus. No jogo que vimos, notámos acentuadamente uma clareira aberta entre o sector atacante e a meia defesa. Era um autêntico corredor por onde passavam os avançados do F. C. do Porto.

Este caso—que não é esporádico—deve manter o Boavista no lugar donde não deveria ter saído, por imposição do seu valor relativo. O grupo de «codres» ficou deslocado de um elemento, Armando, espulso do terreno numa ocasião em que a penalidade se pode classificar de forçada.

O F. C. do Porto apresentou Correia Dias no cixo da linha de ataque. Esteve animoso. Vimos jogar pela primeira vez o novo extremo esquerdo «azul-branco». Parece vir tapar um «furo» existente na linha, Romão melhorou bastante.

O jogo desenvolvido pela F. C. do Porto não agradou. Teve de bom o traduir em número o seu péso. O resultado, algo pesado para o Boavista, não exprime, com verdade, o que foi o encontro. Praticamente joga sem médios, e o seu ataque, aparte as filigranas a que se

(Continua na página 13)

não tem o «fundo» necessário para jogos de grande responsabilidade, pelo que o regresso de Maiaio seria de desejar.

Resumindo, embora os resultados não o indiquem, a verdade é que o team do F. C. do Porto é da nossa região, o que se mostra capaz de nos representar condignamente—e isto causa lastima e diz-nos que o ambiente das épocas anteriores se vai mais uma vez repetir...

Seja lícito pôr em realce o entusiasmo e a vontade com que os restantes grupos se estão a bater; mas essas qualidades não bastam para dar ao futebol portuense um nível técnico progressivo, que só será possível quando o valor dos restantes teams se puder equiparar, na realidade, ao do F. C. do Porto.

É este o juízo razoável que pode fazer-se através das duas jornadas já efectuadas. Oxalá o futuro nos permita rectificá-lo.

EDUARDO SOARES

Nos desportos

para manter as forças durante um esforço e refazer-se rapidamente da fadiga, deverão recorrer sempre à OYMALTINE. Alto valor nutritivo, preparação simples com leite, chá ou água, quentes ou frios, de extrema digestibilidade. É o reconstituente sonhado pelo desportista.

É UM PRODUTO WANDER



O Campeonato de Futebol da A.F.L.
Alguns aspectos dos jogos da 3.ª jornada



ATLÉTICO-SPORTING: 1 — Narciso e Peyroteo chegam tarde; Armando Jorge despachou a tempo, mesmo a pontapé; 2 — Outra intervenção de Armando Jorge para deter um remate de Narciso; 3 — Mais um pormenor da luta entre o ataque «leonino» e a defesa alcantarense; o mesmo Narciso vai, contudo, rematar; 4 — Uma entrada sobre Peyroteo, que mesmo assim levou a melhor e conseguiu rematar. BELENENSES-ESTORIL: 5 — Nascimento lança-se entre Eloi e Alberto para captar a bola, na defesa de um «canto»; 6 — Armando e Alberto disputam a bola, que se escapou aos dois... C. U. F.-BENFICA: 7 — Amílcar defende a sóco, apesar de carregado por Teixeira; 8 — Outra defesa de Amílcar, na qual conseguiu evitar a oportuna entrada de Espírito Santo; 9 — Uma fase de difícil definição... Dir-se-ia que desta feita o adversário se encarregou de substituir o «keeper», e o auxiliou na defesa.

A
«IMPÉRIO»
 é a única Companhia autorizada a cobrir os riscos derivados das práticas desportivas.



Seja previdente adquirindo uma apólice da
«IMPÉRIO»
 — a Companhia de Seguros que dispõe de maior capital.

COMPANHIA DE SEGUROS **IMPÉRIO**
 RUA GARRETT, 56 — LISBOA

A linha avançada do Benfica ou uma verdade do futebol português

DAS SALÉSIAS AO LUMIAR

Crónica de TAVARES DA SILVA

O aspecto geral da 2.ª jornada do Campeonato de Lisboa não ilude as esperanças denunciadas nos dois primeiros dominhos. O futebol português — avança. Porventura menos rapidamente do que seria possível, desde que a Organização e os seus elos se dessem à execução de um plano traçado com inteligência e tendo em vista as modernas directrizes do jogo. Porque não se pode observar o futebol de hoje pelo mesmo prisma do passado. Então, atendia-se essencialmente ao chamado *valor individual*, ideia que nos tempos modernos se vai diluindo a favor das táticas que atendem ao conjunto, transformando cada homem em peça da mecanização. Bem? Mal? Simples necessidade da evolução.

A 3.ª jornada decorreu como estava mais ou menos previsto. Deploramos até o facto, aliás de bom agúrio para muita gente. Porque o imprevisito no mundo da bola é tudo. Ou quase tudo. Venceram todos os *favoritos*: dois com relativa facilidade; um à custa do acaso e da sorte — que assim costuma designar-se o imprevisito do jogo.

Confirmavam-se os juízos, e várias opiniões já transmitidas. A *linha avançada* do Benfica surge gloriosamente como a grande revelação da época — uma das *verdades* presentes do futebol português. Assim o afirmam os resultados. Querem coisa mais eloquente? O potencial do Sporting parece abalado pelos erros do seu *arranjo* apresentado no rectângulo, e ainda por falhas evidentes. O Belenenses organiza-se menos pensadamente do que todos poderiam supor — porque os clubes de *fundo* resistem aos vendavais muito melhor do que as colectividades sem chama. O Atlético revela um valor que o torna o grupo mais temido dos *favoritos*. O Estoril, com a sua intensa sensibilidade, palpita em termos de dar vida pujante à sua actuação no terreno. De momento, a Cuf dá a sensação de *team* esmorecido e vencido pela fatalidade. Um piano com as teclas em bom estado mas ao qual falta um pianista.

O quadro não é para desânimos. Compete-nos ver o torneio de Lisboa — cá do alto. Os que andam lá por baixo vivem muito presos, e apaixonadamente, aos clubes de que fazem parte, pelo pagamento de quotas ou pela simpatia, não vendo todas as operações em campo, como partes que integram o desporto, ou parcelas de um *tudo* que se chama futebol. Podemos dizer que, de um modo geral, se faz *associação* de boa gema, no seu movimento colectivo e em vez das suas manifestações individuais, por vezes de beleza estranhamente aliciante. Cada espectador pode levar para casa — garantimo-lo — um lance nos olhos. O suficiente para gosar infinitamente. Nós, por exemplo, desdenhamos o torneio que é simplesmente de domínio. Mas contemplamos com verdadeiro prazer e emoção os quites de graça andaluzo ou as qualidades de capote e muleta. O jogo de passes geométricos, frio e insensível, não nos dá a emoção, por vezes, de um vulto, de uma corrida, do esforço isolado e supremo, individualista, de um qualquer jogador.

Ora o futebol português tem coisas que não deixa o adepto cansar-se do jogo. Na terceira jornada apareceram nos *teams* alguns elementos pouco conhecidos. Nomes que não estamos acostumados a ouvir: Cunha e Galinho, no Atlético; José Narciso Pereira (irmão de Albano), no Sporting; Cerqueira, no Benfica; Amílcar, na Cuf; Carlos Ferreira, no Belenenses. Trata-se de um aspecto que se não afugita bom sintoma. Sempre algum valor novo há de refugir. Ficando para sempre.

As arbitragens não estão a favorecer devidamente o desenvolvimento do futebol português, pelo menos em Lisboa. Os árbitros não encontram a subtilidade da distinção entre dureza e violência, dois campos separados por

um risco que mal se vê, aplicando julgamento diverso à mesma falta, quando ela se produz no meio do terreno ou nas regiões próximas das redes. O *penalty* desapareceu — nesta era abusiva da *arbitragem triangular*, que desacostumou os árbitros de correrem, seguindo o jogo em todas as suas *nuances*, e lhes fez perder o sentido da responsabilidade. O que era para um *acha-se dividido por três*. Vai-se, assim, o sentido da responsabilidade.

Em Santo Amaro, a sorte influiu no resultado

Um dos encantos do futebol reside na incerteza e no imprevisito. Se lhe fixássemos os resultados da sorte, ou as vitórias de acaso, geradas — quantas vezes? — num detalhe ou numa oportunidade, ficaria um jogo desportivo muito menos belo do que realmente é. Porque o encanto do futebol para o aficionado de alto a baixo antecede o desafio — e prolonga-se depois dele. Isso não impede que se possa e deva, mesmo dizer-se, analisando uma partida, que um dos *teams* perde por mero acaso, quando assim for.

Estamos precisamente em frente de uma *figura* devidamente contemplada na *lei do acaso*. O Atlético fez o que humanamente se podia fazer para não sair derrotado do terreno. Afinal — viu-se obrigado a entregar todos os pontos da classificação. O Destino assim o quis. A sorte cobriu o corpo do adversário.

Com dez homens de meio do primeiro tempo para diante, por expulsão do médio Galinho, e dois *goals* contra, praticamente, a partir do começo da 2.ª parte — vejam, senhores, o que vale a vontade e um coração a pulsar no peito! — o Atlético ainda teve forças para, já dentro do quarto de hora, chegar à igualdade 2-2, e sem favor, provocando uma fase de emoção, o suficiente para o desafio se valorizar como espectáculo. Um *goal* fortuito, e depois dos *atléticos* terem a vitória à vista, que ironia!, resolveu, porém, definitivamente, o problema.

O Atlético apresentou dois *interiores* diferentes do domingo antecedente. Se Jesus nada pôde fazer, julgamos que por lesão ou outra dificuldade de ordem física, a inclusão de Armando valorizou muito o ataque — servido por um dos melhores «shotadores» que ha hoje no nosso país, Catinana.

Verdade seja, o Sporting fez quanto pôde para não vencer. Não significa isto que os seus elementos não lutassem com ânimo e visível boa-vontade. Nada disso. Mas o *arranjo* apresentado, já de si, permitia-se à maior crítica. Desviando-se Albano para *interior*, colocou-se na asa esquerda um homem que, ordinariamente, não joga nesse lugar, mas precisamente a *interior*, forçando-se desta maneira, ainda por cima, uma linha avançada que abria todo o péso dos embates para cima de Peyroteo, o dianteiro que, caso curioso, há muito deixou de ser apenas o *rematador*, para se transformar no atacante leonino que melhor dá a bola aos companheiros — que raramente lhe dão em boas condições. Mantendo-se a mesma linha média, com Barrosa a médio esquerdo, uma unidade-quasi sem pé esquerdo, que não pode deixar de ser dominada por esse mesmo facto, completou-se a obra de lançar a desorientação num grupo — cujas soluções estão à vista. Resultou daqui um futebol sportinguista, confuso, sem veio de ligação — emaranhado.

Sob o ponto de vista técnico, conjugação de passagens e esforços — a partida é de esquecer. Futebol sem precisão, aos repêlões, à base de energia e entusiasmo, futebol técnico para deitar no cesto dos papeis. Todavia, a emoção do quarto de hora final e particularmente dos últimos minutos e até dos derradei-

ros segundos, *salvou* o encontro. Os jogadores viveram mais nesse breve espaço de tempo — o público também — do que na hora e meia inteirinha de outras vezes.

Rapidês e coesão — e o Belenenses venceu com facilidade

O Belenenses procura revestir o seu grupo da necessária confiança — o ponto de partida para se formar uma equipa. Para isso torna-se necessário, logo que a solução do arranjo for encontrada, insistir nessa formação. Só se formam *teams* jogando os jogadores nos mesmos lugares durante um período de tempo relativamente acentuado. De resto, o Estoril Praia também procede, mais ou menos, da mesma forma.

Era de esperar, pela fogueira de que o Estoril tem dado provas, que este se lançasse ao assalto até à última partícula de energia. Num clube que se quer impor, e que não tem o revestimento técnico perfeito, além disso clube que chega, o único processo é recorrer ao entusiasmo — forçando a marcha das operações, nem que seja à custa de grandes desgastes. Afinal, em todo o desafio se viu que a disposição do Estoril era a seguinte: aceitar os acontecimentos tal qual se apresentavam.

Evidentemente, o Belenenses pôs em campo uma tática já muito antiga, mas que não deixa de dar em geral esplendidos resultados. Tática normalmente adoptada pelos grupos de *fundo* contra aqueles que, com menos categoria embora, saem à ligeira resolvidos a tudo. O processo é simples. O *team* emprega-se totalmente, e de tal modo, na fase de início do encontro, que o adversário se sente batido, fugindo-lhe as reacções ou o poder de reagir...

O Belenenses, no domingo, fez mais. Imprimiu à partida um ritmo de jogo tal maneira vivo e rápido que o adversário, por falta de hábito, talvez, não conseguiu suportá-lo. Quando isto acontece — que importa que um grupo faça? Ou responder com primores de combinação em conjunto, ou responder à velocidade com rapidês ainda maior. O Estoril não podia fazer nada disso, e ainda por cima, e para sua desgraça, o seu guardaredes foi um *colaboracionista*. E' realmente de desanimar — quando as coisas correm assim. Os *goals* acumulam-se nas redes, nada havendo que os detenha.

Por outro lado, os avançados do Estoril fracassaram inteiramente no capítulo do remate, dominados pela *hora da verdade*, aquele momento em que o jogador se deve dominar a si próprio — para dominar as circunstâncias do jogo.

Na 2.ª parte, os belenenses, já a coberto da vitória, jogaram sem grandes alardes, justificando um equilíbrio — falso. Fundamentalmente, a sua vantagem verificou-se sempre. O esforço e o jogo é que foram doseados. E com inteligência.

A ideia da superioridade benfiquense foi absoluta

Logo que se ouviu o apito do árbitro, no Lumiar A, o Benfica marcou uma bola. Nalguns casos, entre dois *teams* iguais, estes *goals* não exercem influência. Mas quando se trata de um encontro de desnível, de um lado um clube histórico e do outro um clube ainda com sonhos, é evidente que o acontecimento tem qualquer coisa de aviso: *Ou te dás a tarefa defensiva bem organizada, ou estás perdido*.

Realmente, o Benfica nunca abrandou — vincando em todo o decorrer do encontro a ideia de superioridade reflectida no primeiro apito.

O seu adversário bem procurou lutar contra a avalanche, acorrendo aos lances visivelmente esforçado. Qual quê, porém? A medida que os minutos passavam, o Benfica era senhor e mais senhor da situação. O único dique contra a inundação benfiquense seria opor uma organização de defesa delineada sem brechas e executadas com perfeição. Mesmo assim haveria o perigo da linha avançada benfiquense abrir o dique!

Esta formação avançada — eis uma das *verdades* do futebol português. Actualmente, a

mais bela. O ataque tem um chefe que é, sem dúvida, um homem de excepcional classe — no qual acreditamos sempre, mesmo quando todos os outros começavam a desanimar. Mas não é só esta unidade. Todo o conjunto impressiona. São constantes os avanços em que intervêm toda a gente, com precisão geométrica, que são qualidades que não excluem fúria. Não se devendo também pôr de lado as jogadas pessoais dos componentes desta linha avançada. Seus golpes de audácia. Suas sutilezas.

O grupo do Benfica, globalmente considerado, ressentiu-se um pouco da falta do médio-centro titular e da solução proposta, aliás lúcida. De resto, trata-se de um clube que está a estudar os seus problemas com inteligência, bom senso e conhecimentos técnicos. O que se nos afigura indispensável. Uma orientação que devia ser seguida por alguns teams — que não têm orientação de espécie alguma.

Categorias inferiores

As reservas...

SEGUIDO com justificado interesse por parte dos adeptos de seis clubes em linha, igualmente teve, no domingo a sua terceira jornada o campeonato das reservas da I Divisão, cujos resultados formam o quadro seguinte:

Belenenses-Estoril Praia...	3-2
Atlético-Sporting.....	0-1
Cuf-Benfica.....	1-1

O Benfica, que ao cabo de duas jornadas anteriores detinha a cabeça da classificação, encontra-se agora na companhia do Sporting e do Belenenses. Os três maiores em categorias de honra vão travar em reservas luta que promete ser animada e dura. Isto devido ao facto dos encarnados, no campo do Lumiar-A, frente aos donos da casa, não terem ido além do empate.

Tanto melhor para o interesse do campeonato... Outra nota curiosa — que demonstra bem o relativo equilíbrio que nesta categoria se verifica — é o facto de tanto o Sporting como o Belenenses, os dois vencedores de domingo, terem triunfado pela diferença mínima. Classificação actual: 1.^o Benfica, Sporting e Belenenses, 7 pontos; 2.^o Cuf, 6 pontos; 3.^o Atlético, 5 pontos; 6.^o Estoril, 4 pontos.

... e as segundas

Em segundas categorias, foram os seguintes os resultados verificados:

Belenenses-Estoril Praia...	3-2
Atlético-Sporting.....	1-1
Cuf-Benfica.....	5-2

Quem havia de dizer que o Benfica, vencedor nas duas primeiras rondas, iria perder com o Cuf, pela diferença de três pontos... Assim, ficaram os dois irmãos da cabeça da classificação. Foi este, mesmo, o único resultado sensacional da jornada e o único desafio em que se verificou acentuado desnível entre o vencedor e o vencedor, tanto mais de salientar visto tratar-se do «leader» do torneio.

Nos outros encontros, verificaram-se resultados normais. O Belenenses, na relva, ganhou, é certo, mas não sem dificuldade. Alcantarenenses e «leões» forneceram a partida mais equilibrada da tarde, de apreciar por parte dos rapazes do Atlético, pois seguem na cauda da classificação — que, com os jogos de domingo, ficou assim ordenada: 1.^o Benfica e Cuf, 7 pontos; 3.^o Sporting e Belenenses, 6 pontos; 5.^o Estoril e Atlético, 5 pontos.

OS JOGOS DA II DIVISÃO DA A. F. L.

NA sua terceira rodada, as equipas da II Divisão da A. F. L. encararam-se de deitar por terra grande número de vaticínios. Como demonstração clara de pouca regularidade, não se podia exigir melhor. Repare-se que as mesmas linhas avançadas, que oito dias antes haviam marcado 31 «goals», não foram, agora, além de 10. Não restam, portanto, dúvidas de que o campeonato está a interessar — graças a uma série de resultados imprevistos. Podia lá pensar-se que o Fósforos, vencedor há uma semana do Casa Pia pela bagatela de 10-1, não fosse no domingo além de um empate com o Olivais, que era dos «lanternas vermelhas»? Quem acreditaria que os casapiões fossem capazes de tornar Isonjeiro para o Operário, portanto, dúvidas de que o campeonato... O Chelas e o Futebol Benfica foram, afinal, os únicos que corresponderam ao que se poderia esperar. O empate veio favorecer o Operário, que ficou isolado à frente da classificação, mas o inevitável é que esse empate constituiu o resultado que melhor serve as aspirações dos dois clubes.

A classificação ficou assim ordenada: Operário, 9 pontos; Chelas e Futebol Benfica, 8 pontos; Sacavense, 7 pontos; Fósforos, 6 pontos; Olivais,

Campeonatos Regionais

COMENTÁRIOS E RESULTADOS

ALGARVE — Apesar de irem jogar a Vila Real de Santo António, com o Lusitano, os campeões algarvios não encalharam, como era a vez corrente antes do desafio. Ganhando por 3-3, o Olhanense tem fundadas esperanças de vir a ser novamente campeão da provincia. Mas o «leader» (por ter um jogo à maior) lutou com entusiasmo e só foi batido porque os olhanenses são, realmente, os melhores. Em Portimão registou-se a vitória por 3-1 dos visitantes sobre o Glória. Jogando em Faro, os «leões» da capital desembarçaram-se do Louletano. Em uma! Olhanense, Lusitano e Farense é um trio que se compreende.

BEJA — Dois desafios englobava a primeira jornada de campeonato: União-Despertar, na capital do distrito; S. Domingos - Atlético de Moura, em Mina de S. Domingos. Do último, desconhecemos resultado. Em Beja, o triunfo pertenceu ao União, por cinco tentos sem resposta — que adizem tudo... C. O.

BRAGA — Concluiu-se a primeira volta do campeonato da região minhoita. Na última jornada, os resultados foram os seguintes: 1.^a série: Gil Vicente-Vianense, 4-3; Sp. Braga - Fafe, 3-0. 2.^a série: Vitória de Guimarães-Sp. Fafe, 11-0; Famalicão-Vizela, 5-1. Novo resultado de «estrandos», com maior êxito do que os anteriores: as vítimas da frente da classificação, que aceitaram onze tentos sem resposta... Classificação da primeira volta na série A: Sporting, de Braga, 6 pontos e 12-1; Gil Vicente, de Barcelos, 4 pontos e 11-10; Vianense, 2 pontos e 10-10; Fafe, 0 pontos e 4-16. Na série B: Vitória, de Guimarães, 6 pontos e 21-1; Famalicão, 4 pontos e 12-9; Sporting, de Fafe, 2 pontos e 12-14; Vizela, 0 pontos e 0-2.

CASTELO BRANCO — A estrela dos campeões foi vitoriosa, como se aguardava. E isto assim não desperta curiosidade nenhuma. Os «leões» da Covilhã não têm superioridade sobre os outros dois da série e a cidade. 2-1 é resultado escasso para o Sporting, inconteavelmente melhor equipa que a dos «encarnados» covilhenses — e da melhor grupo do distrito de há uns anos para cá. Em Castelo Branco, Albeitranses - Sporting, 6-1. A filial do Belenenses começou bem, com o mesmo «score» que a sede obteve, nas Salesias, contra os estreantes do Estoril. — L. G.

COIMBRA — O embate União-Académica, aguardado com interesse, pela circunstância de ambos os clubes entrarem à frente da classificação, com igual número de pontos, constituiu a realidade, o espectáculo de muito agrado, mas o empate prevalece, porque o resultado foi de 3-2. Subsiste, pois, a dúvida: — qual será o campeão? Os «académicos» estão com vantagem, pois na segunda volta recebem no seu campo os «unionistas». A Naval foi ganhar a Anadia, por 1-0, portanto com dificuldade. E o Sport colecionou terceira derrota consecutiva: mas fez o seu primeiro «goal» na prova — o que pode querer significar qualquer coisa... A classificação está agora do modo seguinte: União e Académica, 8 pontos, 13-3 e 16-3; Naval, 7 p., 3-3; Lusitânia, 6 p., 4-4; Anadia, 4 p., 1-6; Sport, 3 p., 1-12. Atenção aos figueirenses, que têm, apenas, um ponto de diferença em relação aos «leaders».

EVORA — Principiou, aqui, o campeonato. E logo na primeira jornada defrontaram-se os velhos rivais. O Juventude recebeu, no seu estádio «Sanchez de Miranda» o Lusitano, derrotando-o por 4-1. Bons começos de prova para os rapazes da camisola listrada. O União Sport, de Montemor-o-Novo, foi jogar a Estremoz e ganhou por 5-1. Ocorre-nos por mais a pergunta tradicional: irá travar-se novamente luta entre montemorenses e «juventinos»?

LEIRIA — Domingo, jogos da zona norte; às segundas-feiras, desafios da zona sul, que compreende Bom-

4 pontos; Mavilense e Casa Pia, 3 pontos. No fim, o que pode causar maior admiração é o quinto lugar do Fósforos — só porque era um clube da I Divisão.

A terceira «onda» deu os seguintes resultados.

Fósforos-S. L. Olivais.....	1-1
Chelas-F. Benfica.....	1-1
Operário-Casa Pia A. C.....	1-0
Mavilense-Sacavense.....	1-4

Incontestavelmente, a jornada foi dos visitantes, ainda mesmo que um deles tenha saído derrotado.

O empate alcançado pelos olivais, dá ao Isonjeiro para eles e deve atribuir-se, em grande parte, à excelente exibição o seu guarda-rédes, Silvério. Sem isso, talvez o Fósforos tivesse conseguido o justo prêmio da sua melhor exibição.

Os chelenses e os benfiquenses haviam dado tão boa conta de si nas exhibições anteriores que as atenções gerais iam para o empate de Chelas. Parece que a expectativa não foi iludida. Pelo menos o entusiasmo com que as duas equipas lutaram forneceu uma das notas salientes do desafio. O público aguardou durante 30 minutos que se marcasse um «goal». Mas depois, em 3 minutos, viu dois — um em cada baliza.

Dizem-nos que o Operário teve tarefa bastante difícil para conservar a vantagem de um «goal», alcançada a primeiros minutos da partida. Pelos vistos, os casapiões melhoraram, mas a falta de remate continuou a ser pecha...

Foi para o Sacavense o único resultado expressivo da jornada. Há que contar com os rapazes de Sacavem. A sua vitória foi justa, mas talvez a diferença de três «goals» não traduzia bem as possibilidades dos mavilenses, tímidos em não vencer a crise que os atormenta.

barral, Caldas da Rainha, Peniche e Torres Vedras. Só podemos referir-nos aos encontros da região norte do distrito, cujos resultados foram: Comércio e Alcobça F. C., 2-2; At. Marinhense-Nazarenos, 9-0. Ganham dois visitantes (em Alcobça e Marinha Grande) e só em Marrazes os da localidade não venceram. O grupo da Nazaré não teve jornada feliz. No dia 5 haverá jogos em Nazaré (Nazarenos-Marrazes), Alcobça (Comércio e Indústria-Atlético Marinhense) e Marinha Grande (Império-Alcobça), com maior importância do meio e menor o primeiro.

SANTARÉM — Resultados da jornada, zona sul: Sp. Alenquer-Alverca, 3-2; Op. Vilafranquense-Alhandra, 3-0. E na zona norte, Matrena-União de Tomar, 0-0; Ferroviário-Rossio de Abrantes, 2-0. Com mais importância a vitória dos salvi-negras, de Vila Franca de Xira, em Alhandra, e o empate dos «unionistas tomarense» em Matrena. O resto é normal, tanto em Alenquer como no Entonhecimento.

SETUBAL — A boa actuação dos encarnados do Montijo e o reaparecimento do internacional F. Câmara nas rédeas do Barreirense, são as duas notas salientes da quarta jornada, porque os montijenses estão em forma apreciável e Câmara ainda mostrou valor. Do jogo que os grupos fizeram, saiu vencedor o Barreirense, 1-0, dificilmente, mesmo depois da expulsão de um «encarnado».

Os campeões continuam no caminho das vitórias. Dominados abertamente, os cufistas regressaram a casa com «score» expressivo 0-3.

O Seixal conquistou o primeiro triunfo neste campeonato, batendo o Amora, no campo deste, com merecimento.

E em Arrentel, o caso... é sério. Apesar do comportamento entusiástico do Luso, os locais alcançaram dois «goals» sem resposta, aproveitando bem as falhas dos visitantes.

O quinto dia de jogos foi muito fraco em resultados e sob o aspecto técnico, mas com um caso curioso: os vencedores totalizaram dez «goals», precisamente os mesmos da jornada anterior, o que revela a pouca eficiência dos avançados.

Só o Arrentel pôde creditar-se de três «goals» perante o Onze Unidos, aguerrida e progressivo clube que voltou a afirmar-se, especialmente no sector atacante, obtendo sete bolos.

Pobre, mesmo muito pobre, e o que a Vitória, o Barreirense e o Luso fizeram nos seus jogos com o Seixal, o Cuf e o Amora. Um zero, a favor dos clubes citados em primeiro lugar, diz tudo, ainda com a circunstância de qualquer das vitórias terem sido obtidas no último quarto de hora de cada jogo. O Barreirense, então, arrancou-a no último minuto.

Mal vai, portanto, aos de maiores responsabilidades e aspirações — que já não sabemos se serão justificadas, dado o seu comportamento.

VIZEU — A cidade animou-se com o primeiro «match» oficial da nova temporada, que teve interesse e foi disputado com equilíbrio. O Sport Lisboa venceu o Académico, mas pelo escasso resultado de 2-1.

CICLISMO

Uma corrida LISBOA-SANTARÉM-LISBOA, para independentes

O Grupo Desportivo de «A Iluminante» promove no próximo dia 22 uma prova em duas tiradas, reservada a independentes e que terá como itinerário o percurso Lisboa-Santarém-Lisboa.

Estabelecer-se-ão classificações individuais e por equipas, com prémios pecuniários para os corredores e valiosas taças para os clubes.

Nesta prova participam não só os estradistas lisboetas, no número dos quais estão os ciclistas do Sporting que regressaram de Espanha, como também as equipas do Porto, que tanto se têm evidenciado nas últimas competições.

No próximo número daremos mais pormenores acerca desta organização, que será fiscalizada pela Associação de Ciclismo.

Os corredores do «Sporting» regressaram a Portugal

À excepção de João Lourenço, que ficou ainda em Espanha, chegaram no domingo a Lisboa, inesperadamente, os ciclistas Inácio, Aristides e Mourão, que tinham ido a terras de Castela disputar umas série de corridas de pista e estrada.

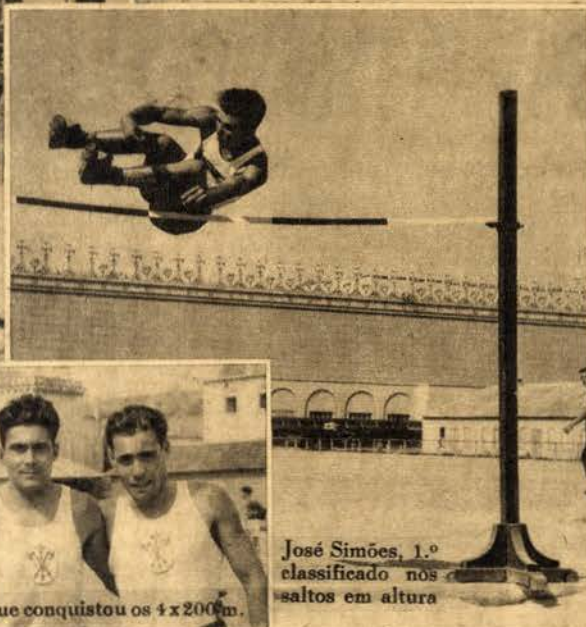
«FLECHA» — é a melhor bicicleta



Pomeu, vencedor do peso



Fase da prova de 1.000 metros



José Simões, 1.º classificado nos saltos em altura



Lopes, ganha os saltos em comprimento



A equipa do B.S. Bombeiros que conquistou os 4 x 200 m.



Os atletas que tomaram parte no torneio do Sporting



Os concorrentes às provas organizadas pelo Benfica

As provas da F.N.A.T. do SPORTING e do Benfica

25 anos de vida desportiva festejados pelo Belenenses



1 — A bandeira do Belenenses esteve confiada a uma guarda de honra gentilíssima... 2 — A chegada do sr. General Carmon e das entidades oficiais; 3 — O Chefe do Estado coloca no peito do sarg. Reia Gonçalves a medalha de ouro de dedicação concedida pelo Belenenses; 4 — Aspecto do desfile dos atletas belenenses



Patinagem

Aspectos do festival organizado em S. Amaro de Oeiras pelo Orfanato Escola Santa Isabel, secção masculina de Albarraque



1 — Os elementos que tomaram parte no festival; 2 — A excelente equipa do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, na qual figuram alguns dos melhores nomes do "hockey,, patinado: Sidónio e Olivério Serpa, José Eugénio de Sousa, Júlio Sanches, José M. Correia e Luiz Ferreira; 3 — A gentil patinadora Ivone Tôrres executando patinagem artística



COMPANHIA UNIÃO FABRIL

Fábricas em BARREIRO, LISBOA, ALFERRAREDE, ÓBIDOS,
VILA NOVA DE GAIA, PORTO, MIRANDELA E ARRONCHES

/

O MAIOR AGRUPAMENTO INDUSTRIAL DA PENINSULA IBÉRICA

Superfosfatos, adubos elementares, compostos, mistos e orgânicos. Sulfatos de cobre e de ferro. Enxôfre (moído, sublimado, ventilado e em rolos). Produtos químicos. Sabões. Velas de iluminação. Ácidos. Oleos industriais. Oleina. Estearina e Glicerina. Azeites de consumo, Azeite fino, Azeite Extra de Alferrarede e Azeites refinados. Oleos alimentares. Ni veina. Bagaços oleaginosos. Tourteaux para alimentação de gados e criação. Sacaria. Grossarias de juta, mistas e de linho. Fios para ceifeiras-atadeiras. Cabos, Cordas, e Cordéis. Fios de linho, manila, cizal e cairo, etc. Tapetes, Carpetes, Passadeiras e Capachos. Lonas de algodão, linho e mistas. Mangueiras. Gesso. Fundição de ferro, aço e outros metais. Oficinas de metalurgia geral e de mecânica de automóveis. Construção naval.

Arrendatária dos estaleiros da (A. G. P. L.)



COMPANHIA UNIÃO FABRIL
RUA DO COMÉRCIO, 49
LISBOA

Atletismo na F. N. A. T.

(Continuação da página 6)

quatro novos campeões restantes ultrapassariam a marca do antecessor.

O número de concorrentes que também ultrapassaram os tempos e distâncias limites para poderem concorrer aos campeonatos nacionais, que se disputam amanhã, com a presença dos representantes do Porto, Coimbra e Braga, é muito superior ao do ano anterior, provando até que alguns dos limites escolhidos, como no peso, por exemplo, foram demasiado benévolo.

Passemos rápida revista à competição. Nos 80 m., conservou Carlos Azevedo (Vaulter) o seu título, com o mesmo tempo de 9,9 s.; José Simões, que há anos foi tido por uma das esperanças das equipas do Benfica, obteve o quarto lugar, precedido por Manuel da Costa e Craveiro da Costa.

Foram apurados para amanhã 9 corredores. O bombeiro Cesar Gomes voltou a vencer os 300 metros, em 40,4 s., bem apertado no final pelo «cufista» Domingos Estaca, em 40,8 s. O vencedor é um atleta possante, capaz de excelente resultado com uma preparação de estilo mais apurada. Admitidos aos nacionais outros nove homens.

José Araújo (F. N. L. M.) ganhou os 1000 metros, em 2 m., 51,4 s., e os 3000 m., em 9 m., 40,2 s., deixando a melhor impressão: bom estilo, óptima cadência, capaz de consideráveis progressos. Classificaram-se para os nacionais, nestas duas distâncias, respectivamente dez e quatro corredores.

José Simões (Brinett), que não é o mesmo atrás citado, mas teve neste o principal competidor, conquistou a palma no salto em altura, com 1,65 m., marca excelente para um novato e que prova a sua invulgar elasticidade. O outro José Simões, com estilo a roçar pela irregularidade, transpôs 1,60 m., assim como o vencedor do ano passado, Manuel Dias (Cuf). Foram estes os únicos que alcançaram o direito de participar nos nacionais.

O salto em comprimento foi inferior ao concurso do ano passado; o bombeiro e conhecido futebolista Francisco Lopes venceu com 5,63 m., e mais seis saltadores ultrapassaram os 5 m. necessários para entrarem no torneio de amanhã. Urbano Ribeiro e Alfredo Neves deixaram impressão favorável.

Nos lançamentos salientaram-se Romeu Correia, vencedor do peso com 13,66 m., segundo no disco com 30,25 m., e no dardo, com 35,28 m.; Joaquim Franco (Sacavém), vencedor no disco, com 33,19 m., e segundo no peso, com 12,27 m.; José da Silva (Cuf) que atirou o dardo a 35,41 m. e possui dotes para a especialidade; Joaquim Piedade (D. Lucas), Armando dos Santos e António Araújo (Sacavém) e Humberto Veríssimo (Cuf).

As provas de estafeta foram animadas e tiveram todas novos vencedores: Sacavém nos 4x80 m., Bombeiros nos 4x300 m., e F. N. L. M., nos 4x1000 m., — na qual houve engano para menos, na medição do último percurso.

Os novos "récords" nacionais e o festival "Nadador do S. A. D."

NATAÇÃO

EM hora feliz resolveram os dirigentes do S. A. D. incluir na sua festa anual, à maneira de prefácio, cinco tentativas de «récord» — todas elas coroadas do melhor êxito.

Os iniciados, principiantes e júniores de ambos os sexos, continuam, assim, a demonstrar eloquentemente o seu valor e as inegáveis possibilidades futuras.

Vejam as cinco «performances». Na estafeta de 4x100 metros-livres, iniciados, a equipa do S. A. D., que já detinha o máximo da prova desde 13 de Agosto, com o tempo de 5 m. 30,4 s., baixou-o agora para 5 m. 18,4 s., registando os seguintes resultados intermédios: Armando Ferreira Rodrigues (1 m. 19,6 s.), Amílcar Nabais da Cruz (1 m. 18,8 s.) e Guilherme Patrone (1 m. 12 s. 4/10).

Nos 3x100 metros, três estilos, o elenco do Algés fixou em 4 m. 19 s. o respectivo «récord». Os rapazes do S. A. D. podem, no entanto, fazer muito melhor. Haja em vista os tempos intermédios verificados: Armando Ferreira Rodrigues (1 m. 27,6 s.), Gentil Abreu Gonçalves (1 m. 36,4 s.) e Guilherme Patrone (1 m. 15 s.). Lucília Angeja, na sua toada característica, onde não é difícil ver a grande campeã do futuro, estabeleceu, em 1 m. 40,4 s., o «récord» dos 100 metros-costas iniciados.

A insinuante Maria de Lourdes Teixeira Mendes, também do S. A. D., que tem para o «bruços» as mesmas magníficas qualidades que a sua companheira de clube tem para os estilos «crawls» ou «crawls»-de-costas, fixou em 1 m. 51,8 s. o «récord» dos 100 metros-bruços, iniciados. Igualmente digno de encómios, o percurso de Diamantina Rodrigues que não «tocou» muito depois — 2 m. 1,2 s.

Nos 500 metros-bruços, júniores, o «récord» pertence desde 5/8/43 ao nadador do Estoril Praia, Atílio Palma Régio, com o tempo de 9 m. 33 s., sofreu baixa considerável e pertence agora a Adriano Cabral Rodrigues, S. A. D., que cobriu a distância em 8 m. 51,4 s., depois de uma prova bem conduzida para as suas possibilidades.

Correram, também, Belmiro Santos, E. P.,

que igualmente fez melhor que o anterior «récord»: 9 m. 12,2 s.; e Artur Mendes Silva, E. P., que conduziu toda a corrida, terminando no belo tempo de 8 m. 42 s., depois de passar aos 200 metros com a marca notável — 3 m. 16, 5 s. — mas que o juri teve que desclassificar, em virtude de, por duas vezes, ao olhar para traz, examinando a posição dos seus adversários, ter rodado os ombros de forma a «desmanchar» a posição clássica do «bruços».

Seguiu-se, depois, a apresentação dos nadadores do S. A. D. que, por terem menos de 15 anos, não podem ainda participar em provas de competição. Vimos na piscina cerca de uma centena, entre os quais — número jamais atingido entre nós — trinta e sete nadadoras!

Como muito bem disse o dr. Brazão Antunes, presidente do clube, nas breves palavras que lhes dirigiu, eles representam o futuro da colectividade e são a demonstração mais eloquente de que o Algés é uma verdadeira escola, um verdadeiro viveiro de nadadores — e campeões.

Os resultados das provas não interessam, nem estão na indole da nossa revista. Citemos Artur Moitinho d'Almeida Delgado, um «bébé» de três anos e meio que já nada — ou não fôsse filho de peixe... Citemos Manuel Morais, que tendo aprendido a nadar este ano venceu Artur Malheiro da Silva, nos 66 metros-livres. Citemos a Guida, filha do Fernando Sacadura, uma encantadora garota loira, que quer honrar o Algés, quando for crescida, tal como o pai...

De resto, no domingo venceram todos: do primeiro ao último classificado, dirigentes, treinadores, professores — todos!

ABREU TORRES

AS REGATAS DE VELA do C. N. «MARE NOSTRUM»

O Clube Náutico «Mare Nostrum» está a desenvolver magnífica actividade, merecendo-lhe especial interesse o desporto de vela. A construção de barcos do tipo especial do clube tem valorizado ainda mais a acção do «Mare Nostrum», uma colectividade onde há a paixão pelas coisas do mar e se procura materializar ideias, para coisas que muitos mais se interessam pelos desportos náuticos.

No decorrer da presente época o «Mare Nostrum» tem desenvolvido bastante os seus trabalhos, a maior parte das vezes com carácter íntimo, ou seja na disputa de provas iver-sócios.

Nas no último domingo a Cova do Vapor animou-se extraordinariamente. Os nossos melhores velejadores compareceram às regatas de «Encerramento», embelezando o mar num conjunto de velas brancas, em que sobressaíam as do «Mare Nostrum», com a sua Cruz de Cristo.

As provas de vela — em que se disputaram, entre outras, a taça «Stadium» — concorreram a «Frota Star de Lisboa», a classe de «Penamo Cruzeiros», os «sharps» de 9 e 12 m. 2 da «Meitida Portuguesa» e da Brigada Naval, e as classes de barcos do clube.

A taça «Stadium» foi conquistada pelo «sharps» 28, de 9 m 2, tripulado por Orlando Catela. Nas restantes provas triunfaram: Ernesto Mendonça, nos «Stars», taça «Comité Olímpico Português»; na classe de «Penamo Cruzeiros», o «Senhora da Guia», do dr. Santos Silva taça «Câmara Municipal de Lisboa»; nos «Sharps» de 12 m 2, Duarte Belo, da «M. P.» taça «Câmara Municipal de Lisboa»; na classe «Mare Nostrum», Alvaro Curado; e na de «Porjas», João Burnay.

Registe-se ainda a justa homenagem prestada ao presidente da direcção do «Mare Nostrum», sr. Jorge Pinheiro, pela dedicação e entusiasmo inextinguíveis com que tanto tem ajudado o clube a alcançar a posição de relevância de que desfruta.

Dr. Manuel Sérgio Pereira

Faleceu há dias o sr. Dr. Manuel Sérgio Pereira, que exercia com elevada proficiência o cargo de juiz do Tribunal de Trabalho.

A família enlutada, e em especial a seu cunhado, sr. capitão António Cardoso, inspector e chefe da repartição da Direcção Geral dos Desportos, apresentamos a expressão do nosso profundo pesar.

ACONTECIMENTOS DA SEMANA

ATLETISMO — Cento e vinte praticantes tomaram parte no II torneio popular do Sporting, de cujas provas saíram vencedores: Eusebio Rodrigues, 10 s., em 80 metros; Luiz Rocha, 33 s. 4/10 em 230 metros, e 5,85 m. em comprimento; António Gomes, 1 m. 39 s. 4/10 em 700 metros; Manuel Avelino, 6 m. 23 s., em 200 m.; Orlando Silva, 1,62 m. em altura; J. M. Marreiros, 10,48 m. no peso e 28,70 no disco.

O Benfica organizou novo torneio para sócios e simpatizantes, com os vencedores seguintes: António Machado, 70 metros em 7 s. 2/10; Alvaro Aires, 230 m. em 8 s.; Henrique de Oliveira, 700 metros em 2 m. 4 s.; José de Almeida, doise quilómetros em 6 m. 48 s.; Armando Oterelo, 11,56 no peso e 27,60 m. no disco; Jorge Veloza, altura 1,55 m.; Amadeu de Oliveira, comprimento 5 m. 5 metros.

«HOCKEY EM PATINS» — No desfilo disputado em «Stars», em continuação do campeonato nacional, os «stars» empatarem com os «académicos» do Porto, por 5-5. Em jogo paiz completo o programa, as 2-2* do H. S. Sintra derrotaram os de Académica da Amadora, ganhando os locais por 12-6.

Em Santo Amaro do Oeiras, o Sporting local venceu o Ateneu, em 1-2, por 4-5, ganhando a taça «Diário Populário», e perdeu em 2 com o «Pato de Arcos», por 2-5, cabendo ao último a taça «Clube Nacional de Campiões».

NATAÇÃO — Na piscina de Pedrouços realizou-se a festa de encerramento de classes do «G. R. 21 de Março», com diferentes provas de que saíram vencedores: Francisco Santos, 66 m. de bruços em 1 m. 9 s.; Silva Carvalho, 66 m. livres em 1 m. 7 s.; Guilherme Santos, 16 m. livres (escolas) em 23 s.; Fernando Barata, 33 m. livres (escolas) em 49 s.; José Tomás, 66 m. «crawls», 1 m. 8 s.; Alfredo Vicente, Aurélio Barroso e Carlos Pereira, 3 x 33 m. livres em 1 m. 5 s.

TENNIS — Concluíram-se os campeonatos das Caldas da Rainha, cujos últimos resultados foram os seguintes: dr. Mineiro — A. Fernandes, 57; 6-3, 6-4, 4-6 e 6-3; dr. Calheiros Viegas — Sousa e Silva, 6-1, 6-4 e 10-8; mrs. Graham — mme. Weill, 6-3 e 7-5; m. Glauberman, Levy, 7-5 e 6-4; dr. Mineiro e A. Pinheiro — Fonseca e Clavari, 7-5, 7-5 e 6-4; Pitz e Max Spitz — dr. Fischmann e Mayer, 6-2, 8-6 e 6-4; mrs. Graham e Harbord — mme. Weill e Pinto Basto, 6-3, 6-8 e 6-3; mme. Popper e dr. Calheiros Viegas — mme. Butt e Pitz, 6-4 e 6-1.

Disputaram-se os Campeonatos Internacionais de Cascais, a que faremos descuidada referência no nosso próximo número.

Stadium da Capital do Noite

(Continuação da página 7)

emrezo, continua a ser ingrátido. De salientar, a época a lula.

Nam jógo sem história, tal a forma como ambos os grupos actua em, o Saigueros batia o Lepa no campo ázia. O resultado foi obtido no 18 tempo. Ambos os grupos pareceram aporados em vez qual d'elles jogava pior... E os saigueros conseguiram arrancar a vitória merce de duas jogadas incólres.

O Académico não passou de um empate em frente do Leixões. As duas turmas, embora lutando com certo animo e com desejo de arrancar os almejados pontos, não foram mais além... A posição d'estes grupos começa a ser digna do atleto de quem subsistindo nos respectivos clubes, pois as fornadas vão decorrendo e a má visão mantém-se. — M. A.

Nunes de Almeida

Deixou de fazer parte do grupo de colaboradores da «Stadium» o fotógrafo desportivo sr. Manuel Nunes de Almeida.



Stadium

Campeonatos Regionais de Futebol

NO PORTO: 1—O 1.º goals do F. C. Porto marcado por Lourenço. A valente estrada do «keepers» do Boavista foi inútil; 2—Correia Dias ganha na luta com Pereira, mas o remate perde-se; 3—No jogo entre o Leixões e o Académico, com os grupos empatados, os «Academistas» tentam inutilmente bater a defesa adversária. EM COIMBRA: 4—Fase do encontro entre a Académica e o União, — o «derby» do futebol coimbricense.



AS NOSSAS REPORTAGENS E TRICROMIAS

Como anunciámos, publicamos hoje a reportagem referente ao

UNIDOS FUTEBOL CLUBE

bem como a tricromia da respectiva equipa de honra

No próximo número:
S. C. DE FAMILIÃO

GRANDE REPORTAGEM GRÁFICA REVISTA **Stadium** 14

À esquerda: o habitual cupão que os leitores devem recortar e colecionar, pois dá-lhes direito à copa que oferecemos para encadernar todos os separatas destas reportagens.

UM RECORDE BATIDO!...

Não é somente em matéria de desporto que se batem recordes!... Por hábito compram-se hoje muitas utilidades a prestações — mas com aumento de preço... — e constitui na realidade um recorde saber-se que a Alfalataria J. C. MOURA, na Rua da Atalhia, 146, faz dessas transacções sem qualquer aumento de preço. Se V. Ex.ª tiver casa sua não é preciso fiador para adquirir um bom fato, sobretudo ou gabardine, assim como confecções de senhora em género «tailleur»! Note bem, nesta casa encontrará V. Ex.ª maior perfeição e não paga luxo.

CHAVES de todos os modelos
Perdeu-as? Partiram-se? Roubaram-lhas? — mande fazer outras na
CASA DAS CHAVES
Amadeu Gomes da Fonseca
RUA DA MOURARIA, 3
(Frente ao Cinema) • Telef. 28050

Breitling
APROVADO PELA AVIAÇÃO PORTUGUESA
INSENSIVEL AS VARIACÕES ATMOSFERICAS
ANTIMAGNETICO
PREFERIDO PELOS DESPORTISTAS
O melhor cronógrafo